



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**PATRICIA MARIA MACIEL DE PONTES**

**A GUERRA RUSSA-UCRANIANA À LUZ DO MODELO DE ESCALADA DE  
CONFLITOS DE FRIEDRICH GLASL**

**JOÃO PESSOA**

**2024**

PATRICIA MARIA MACIEL DE PONTES

**A GUERRA RUSSA-UCRANIANA À LUZ DO MODELO DE ESCALADA DE  
CONFLITOS DE FRIEDRICH GLASL**

Trabalho de Conclusão de Curso ou Tese apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial, à obtenção do título de Bacharela em Relações Internacionais.

**Área de Concentração:** Relações Internacionais

**Orientador:** Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA**

**2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P814p Pontes, Patricia Maria Maciel de.  
A Guerra Russa-Ucraniana à luz do modelo de Escalada de Conflitos de Friedrich Glasl [manuscrito] / Patricia Maria Maciel de Pontes. - 2024.  
54 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2024.  
"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Guerra russo-ucraniana. 2. Conflitos internacionais. 3. Escalada de Conflitos de Friedrich Glasl. I. Título

21. ed. CDD 327.16

PATRÍCIA MARIA MACIEL DE PONTES

## A GUERRA RUSSA-UCRANIANA À LUZ DO MODELO DE ESCALADA DE CONFLITOS DE FRIEDRICH GLASL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: **20/06/2024**

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **FABIO RODRIGO FERREIRA NOBRE**  
Data: 20/06/2024 08:48:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente  
 **ANNA BEATRIZ LEITE HENRIQUES DE LUCENA**  
Data: 20/06/2024 13:39:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Anna Beatriz Leite Henriques  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente  
 **AUGUSTO WAGNER MENEZES TEIXEIRA JUNIOR**  
Data: 20/06/2024 13:45:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Augusto Wagner Menezes Teixeira Jr.  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus familiares e as pessoas  
incríveis que fizeram parte dessa jornada  
inesquecível. Essa conquista é nossa.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso não teria sido possível sem o apoio e a contribuição de diversas pessoas.

À minha família, meus avós Socorro e Davi, pelo suporte e auxílio, e à minha avó Lili, por me receber em sua casa e cuidar de mim. Aos meus pais, Teresa e Josivaldo, e ao meu irmão Tarcio, por sempre me apoiarem e embarcarem comigo em todas as minhas aventuras.

Aos meus queridos amigos do G7, com quem compartilhei vários momentos de alegria e tristeza, composto por: Ana Karen, bonita por dentro e por fora, cuja energia contagiante e senso de humor me alegraram em muitos momentos; Mariana, minha paraense preferida, que nos alimentou em datas especiais quando estávamos longe de nossas famílias, sua personalidade, bondade e bolo são os melhores; Murilo, pelas boas risadas que compartilhamos; Rodrigo, meu melhor amigo da faculdade, uma pessoa incrível que sempre se importou com todo o G7, você é bom em tudo que se propõem a fazer; Alicia, uma pessoa que conheci por acaso em uma cidade do interior de Pernambuco, mas que hoje é uma das minhas grandes amigas e confidentes, sua força inabalável me inspira; E por último, mas não menos importante, Alessandra, minha primeira e melhor amiga da graduação que sobreviveu ao EAD, com quem compartilhei muitos momentos bons e ruins, e que sempre foi a primeira a saber de cada incerteza ou dúvida, mas principalmente de bons notícias. Nós somos o completo oposto, mas as diferenças, no fim, talvez sejam o complemento. Sou muito grata pela sua amizade e espero que você conquiste tudo o que deseja. Este grupo se formou por acaso no primeiro dia de aula após a pandemia, e a todos vocês, meu muito obrigada. Vejo vocês no mundo. Amo vocês.

Ao meu namorado, João Paulo, que sempre me apoiou e confiou em mim mesmo quando eu não confiava. Obrigada por ter me escutado falar sobre tudo, principalmente sobre este trabalho, incansáveis vezes e nunca reclamar. Obrigada por ser meu companheiro; sou muito feliz por poder compartilhar este momento da minha vida com você.

Agradeço ao meu orientador, professor Fábio, por ter aceitado embarcar nesta aventura comigo e por me fornecer todo o apoio e orientação necessários, desde quando o trabalho era apenas uma simples ideia de artigo. Agradeço também à banca examinadora, professor Augusto Teixeira Jr. e professora Anna Beatriz, por disponibilizarem seu tempo para avaliar o trabalho e contribuírem para o seu aperfeiçoamento.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu sincero agradecimento. Cada um de vocês foi essencial para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Muito obrigada a todos!

## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade examinar o processo de desenvolvimento da guerra russo-ucraniana, partindo da contextualização dos estágios iniciais do conflito entre a Federação Russa e a República Popular da Ucrânia. O trabalho propõe fazer uma análise do conflito utilizando o modelo teórico de Escalada de Conflitos. Dessa forma, será explicada, com base no modelo de Glasl (1982), a evolução da guerra entre a Rússia e Ucrânia, buscando compreender os estágios do conflito ao modelo teórico. Discute, ainda, os antecedentes do conflito como a anexação da península da Crimeia ao território russo e as suas motivações para as Relações Internacionais, o papel da OTAN no acirramento do conflito e as principais motivações para a invasão do território ucraniano pela Rússia, em 2022. Para elaboração desta pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa por meio da técnica de aplicação teórica com o estudo de caso, adotando uma abordagem dedutiva. Este trabalho busca responder à pergunta norteadora: diante do estágio atual da guerra, é possível alcançar algum modelo de resolução para o conflito Russo-Ucraniano? Ademais, por meio do modelo teórico de Glasl (1982), o trabalho se baseou na hipótese que o conflito no Leste da Ucrânia já atingiu o nono e último estágio apresentado no modelo do autor, e não há mais possibilidade de resolução, ou uma resolução pacífica entre os Estados. O estudo fornece esclarecimentos importantes para a prevenção e resolução de conflitos, destacando a necessidade de intervenções precoces e estratégias de desescalada. A guerra entre Rússia e Ucrânia serve como um trágico lembrete dos custos humanos e materiais da falha em resolver disputas de maneira pacífica e ressalta a importância do campo da Resolução de Conflitos na busca por um mundo mais estável e seguro.

**Palavras-Chave:** Rússia; Ucrânia; Resolução de Conflitos; Friedrich Glasl.

## ABSTRACT

The present study aims to examine the development process of the Russo-Ukrainian war, starting with contextualizing the initial stages of the conflict between the Russian Federation and the People's Republic of Ukraine. The study proposes to analyze the conflict using the theoretical model of Conflict Escalation. Thus, based on Glasl's model (1982), the evolution of the war between Russia and Ukraine will be explained, seeking to understand the conflict stages through the theoretical model. It also discusses the conflict's background, such as the annexation of the Crimean Peninsula by Russia and its implications for International Relations, the role of NATO in escalating the conflict, and Russia's main motivations for invading Ukrainian territory in 2022. For this research, a qualitative methodology was used through the theoretical application technique with a case study, adopting a deductive approach. This work seeks to answer the guiding question: given the current stage of the war, is it possible to achieve any resolution model for the Russo-Ukrainian conflict? Furthermore, based on Glasl's theoretical model (1982), the study hypothesized that the conflict in Eastern Ukraine has already reached the ninth and final stage presented in the author's model, and there is no longer any possibility of resolution or peaceful resolution between the states. The study provides important insights for conflict prevention and resolution, emphasizing the need for early interventions and de-escalation strategies. The war between Russia and Ukraine serves as a tragic reminder of the human and material costs of failing to resolve disputes peacefully, highlighting the importance of the Conflict Resolution field in pursuing a more stable and secure world.

**Keywords:** Russia; Ukraine; Conflict Resolution; Friedrich Glasl.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Conceito de Conflito Político.....	19
<b>Figura 2</b> – Modelo da ONU.....	20
<b>Figura 3</b> – Conceito de intensidade de conflito.....	22
<b>Figura 4</b> – Triângulo de conflito.....	25
<b>Figura 5</b> – Modelo de Escalada de Conflitos.....	27
<b>Figura 6</b> – Escalonamento do modelo de Glasl.....	31
<b>Figura 7</b> – Amigos e Inimigos da Rússia.....	42

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> – Mapa da inserção da Suécia na OTAN em 2024 .....	35
<b>Mapa 2</b> – Rota de Donbass à Crimeia.....	38

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>DPKO</b>	Departamento de Operações de Paz das Nações Unidas/Departamento de Apoio às Missões
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>FR</b>	Federação Russa
<b>G7</b>	Grupo dos Sete
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OTAN</b>	Organização do Tratado do Atlântico Norte
<b>RC</b>	Resolução de Conflitos
<b>UE</b>	União Europeia
<b>URSS</b>	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>12</b>
<b>2 EXPLORANDO AS RAÍZES DOS CONFLITOS</b>	<b>15</b>
2.1 O QUE É UM CONFLITO?	17
2.2 COMO IDENTIFICAR ESCALA E ESCALADA?	21
2.3 COMO SOLUCIONAR CONFLITOS?	23
2.3.1 Transformação do conflito	24
2.3.2 Resolução de conflitos	24
<b>3 O MODELO DE ESCALADA DE CONFLITOS DE FRIEDRICH GLASL</b>	<b>26</b>
3.1 FASE I - CONTENÇÃO	27
3.2 FASE II - RUPTURA	29
3.3 FASE III - DESTRUÇÃO	30
<b>4 CONTEXTO HISTÓRICO</b>	<b>32</b>
4.1 A ANEXAÇÃO DA PENÍNSULA DA CRIMEIA	33
4.2 A GUERRA RUSSA-UCRANIANA	36
<b>5 A ESCALADA DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO: UMA ANÁLISE À LUZ DO MODELO DE GLASL</b>	<b>39</b>
5.1 A APLICAÇÃO DO MODELO À GUERRA RUSSA-UCRANIANA	40
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conflito entre Rússia e Ucrânia, que ganhou destaque internacional a partir de 2014 e intensificou-se significativamente em 2022 com uma “invasão de larga-escala” (Ferraro, 2022, p. 5), é um dos conflitos mais marcantes e complexos do século XXI. As raízes da crise entre Rússia e Ucrânia remonta a uma série de fatores históricos, políticos e culturais. O colapso da União Soviética em 1991, e a subsequente independência da Ucrânia, marcaram o início de um período de incerteza e redefinição de fronteiras e influências. Portanto, a Ucrânia, uma nação com profundos laços históricos e culturais com a Rússia, encontrou-se em uma trajetória de crescente ocidentalização e integração com a União Europeia, suscitando preocupações e reações adversas por parte do Estado russo (Lebelem; Villa, 2022).

Após dois anos do conflito em curso, não há uma perspectiva positiva para um acordo de paz entre os atores, o qual diversos especialistas acreditavam que poderia ser resolvido em poucos dias. À luz do modelo de Escalada de Conflitos do autor austríaco Friedrich Glasl (1982), renomado especialista em resolução de conflitos, mediação e gestão de conflitos organizacionais, pode-se identificar o estágio no qual o conflito se encontra e oferecer orientações e estratégias adequadas para se lidar com o problema, enfatizando a importância das intervenções preventivas nos estágios iniciais do conflito para evitar sua intensificação.

O Modelo de Escalada de Conflitos de Glasl (1982) visa ajudar na compreensão e análise de conflitos em diferentes estágios de intensidade. O autor o estrutura em nove estágios em que um conflito se desenvolve de forma gradativa. O modelo teórico pode ser dividido em três etapas para proporcionar uma análise objetiva da evolução do conflito e a partir dele buscar a efetividade na sua resolução. Desta forma, na primeira fase, os envolvidos reconhecem as tensões e os antagonismos entre si, enquanto na segunda fase a vitória sobre seu adversário é o objetivo entre as partes. Na última fase, as partes perdem a perspectiva de seus objetivos originais e concentram-se exclusivamente em causar danos mútuos, com a evolução do conflito para uma guerra entre os atores.

Para o autor, a cada evolução dos estágios torna-se mais difícil o tratamento do conflito (Glasl, 1982). Logo, compreender a escala do conflito é primordial para não permitir que um momento de tensão cresça de forma progressiva para um conflito com proporções mais extensas, como o uso da violência. Por este motivo, o modelo de Glasl foi selecionado para examinar a evolução da Guerra entre Rússia e Ucrânia, visto que a intersecção do estudo do modelo teórico e o caso apresentado pode fornecer lições importantes sobre como os conflitos

podem surgir e se desenvolver, bem como podem ser prevenidos ou resolvidos de maneira pacífica.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo fazer a aplicação do modelo teórico de Escalada de Conflitos à guerra Moscou e Kiev. Dessa forma, explica, com base no modelo de Glasl, a evolução da guerra, buscando compreender os estágios do conflito e de acordo com modelo teórico. Serão discutidos os antecedentes do conflito como a anexação da península da Crimeia ao território russo e as suas implicações para as Relações Internacionais, o papel da Organização do Atlântico Norte (OTAN) no acirramento do conflito e as principais motivações para a invasão do território ucraniano pela Rússia, em 2022. É importante ressaltar que o trabalho tem como recorte histórico os antecedentes da anexação da Crimeia até a adesão da Finlândia e Suécia à OTAN.

Este trabalho busca responder à pergunta norteadora: “diante do estágio atual da Guerra Ucraniana, é possível alcançar algum modelo de resolução para o conflito Russo-Ucraniano?”. Para isso, o estudo busca compreender a evolução do conflito, analisando-o através de questões geopolíticas e estratégicas. Ademais, por meio do modelo teórico de Glasl (1982), o trabalho se baseia na hipótese que o conflito no Leste da Ucrânia já atingiu o nono e último estágio apresentado no modelo do autor, e não há mais possibilidade de resolução ou uma resolução pacífica entre os Estados.

Este estudo ganha relevância ao explorar as motivações e a progressão dos estágios do conflito até o desencadeamento da guerra. Além disso, a justificativa do trabalho é significativa, uma vez que revela uma lacuna nas teorias convencionais quando se trata das tomadas de decisão de atores-chave, como Vladimir Putin (2000 até os dias atuais), e ao avaliar as medidas preventivas militares. Esta lacuna destaca a necessidade de uma abordagem mais abrangente, incorporando elementos específicos do contexto ucraniano. Por essa razão, compreender o estágio do conflito é fundamental para determinar o tipo adequado de estratégia e evitar que as inadequadas ou desatualizadas prejudiquem ainda mais o curso dos eventos. Portanto, é imperativo analisar as fases da guerra à luz do modelo de Glasl (1982), e compreender as teorias de Resolução de Conflitos, a fim de extrair lições essenciais sobre o surgimento e desenvolvimento de conflitos, bem como as formas de prevenção e resolução pacífica.

Para elaboração desta pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa por meio da técnica de aplicação teórica com o estudo de caso. Para a investigação do caso analisado foi realizada – majoritariamente – pesquisa bibliográfica com referencial teórico especializado em artigos científicos, livros, artigos, periódicos, notícias e relatórios, ou seja, fontes primárias e

secundárias, buscando compreender o contexto da guerra e o modelo teórico do autor Friedrich Glasl (1982), por meio do método dedutivo.

O trabalho está dividido em quatro partes, visando realizar uma análise dos estágios do conflito Russo-Ucraniano com base no modelo de escalada de conflitos de Glasl. O primeiro capítulo aborda o campo de Resolução de Conflitos (RC), visando compreender a definição de conflito e a origem deste campo de estudo. A Resolução de Conflitos como disciplina surgiu no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, com contribuições significativas de pesquisadores como Johan Galtung (1999), que oferece uma visão abrangente do ciclo de vida do conflito, dividido em três fases distintas.

Além disso, apresenta alguns modelos como o modelo da Organização das Nações Unidas (ONU) e o *Conflict Barometer*, que definem e categorizam conflitos com base em seus níveis de intensidade. O modelo da ONU (2008), por exemplo, utiliza uma abordagem baseada em prevenção, mediação e resolução de conflitos, aplicando uma variedade de ferramentas diplomáticas e humanitárias. O *Conflict Barometer (2022)*, produzido pelo *Heidelberg Institute for International Conflict Research (HIIK)*, classifica conflitos em diferentes níveis, desde disputas latentes até guerras de alta intensidade, proporcionando uma visão detalhada da dinâmica dos conflitos globais.

Será analisada também a diferença entre escala e escalonamento para entender alguns modelos dos principais autores do campo de RC, como Galtung. A “escala” refere-se à extensão ou abrangência de um conflito, enquanto “escalonamento” seria o aumento da intensidade e violência. Compreender essas diferenças é crucial para aplicar corretamente os modelos teóricos ao caso russo-ucraniano.

No segundo capítulo, o foco será a introdução à Friedrich Glasl e seu Modelo de Escalada de Conflitos. Será explicado por que o modelo de Glasl (1982) foi escolhido como referência principal, destacando sua abrangência superior em relação aos outros modelos discutidos anteriormente. O modelo de Glasl é amplamente reconhecido por sua detalhada descrição dos estágios de escalada de conflitos, divididos em nove níveis, que vão desde a discordância inicial até a destruição mútua.

O terceiro capítulo apresenta a contextualização da Guerra Russo-Ucraniana, desde a anexação da Crimeia em 2014 e suas implicações para ambos os Estados. Este capítulo examinará os antecedentes históricos e políticos que levaram à anexação, incluindo a mudança de governo na Ucrânia e a resposta russa. Serão analisados os impactos imediatos e de longo prazo desta ação sobre a Ucrânia, como a perda de território e o aumento das tensões internas,

bem como as consequências para a Rússia, incluindo sanções econômicas e isolamento diplomático.

O quarto e último capítulo fará a aplicação do modelo teórico da escalada de conflitos de Glasl (1982) aos antecedentes da Guerra Russo-Ucraniana até a invasão pela Rússia em 2022. Este capítulo analisará como os eventos se alinham com os estágios do modelo de Glasl, desde as tensões iniciais até a escalada para um conflito armado de grande escala. Será examinada a progressão através dos nove níveis de escalada de Glasl, identificando momentos-chave que marcaram transições entre os estágios.

## **2 EXPLORANDO AS RAÍZES DOS CONFLITOS**

O fenômeno da escalada de conflitos é um objeto de estudo tanto no campo das Relações Internacionais quanto nos Estudos para a Paz, destacando os Conflitos Internacionais. A interação entre atores, como Estados soberanos, frequentemente cria oportunidades para o surgimento de disputas. Esta pesquisa recorre às teorias e ideias de autores pioneiros nos estudos sobre paz e conflito das décadas de 1950 e 1960, como Johan Galtung (1999). Conforme explica o autor, o conflito surge quando as partes possuem objetivos incompatíveis, envolvendo uma relação de oposição entre elas. No entanto, para o autor, não existe uma única "fonte" de conflito. Outros elementos, como disputas territoriais ou étnicas, que desempenharam papéis significativos em guerras no século XIX, bem como divergências políticas, ideológicas ou de interesses entre esses atores, são considerados causas secundárias, subordinadas a esse fator inerente.

Vertentes clássicas das Relações Internacionais, como o Realismo e Neorealismo, se propõem a explicar o cenário internacional partindo da premissa de que os atores internacionais, como os Estados, agem de acordo com seus próprios interesses nacionais, levando em consideração que o sistema internacional é anárquico, ou seja, com a ausência de um governo soberano e, por esta razão, os Estados constantemente lutam pelo poder buscando sua sobrevivência (Waltz, 2002). Para o Realismo, o conflito e, conseqüentemente, sua escalada são vistos como inevitáveis.

Segundo Oliveira (2007), o conflito está presente na sociedade porque cada grupo e/ou indivíduo tem suas próprias convicções, que podem se chocar. Aplicando essa perspectiva ao contexto do Estado, Hans Morgenthau (1973) aponta que a busca pelos interesses nacionais e pela segurança coloca os estados em competição uns com os outros. No entanto, como observa

Nye (2002), embora a natureza humana possa ajudar a entender os conflitos, ela não é a única explicação para o surgimento de embates bélicos.

Após a devastação da Primeira Guerra Mundial, o Idealismo liberal utópico predominou na Europa pós-guerra, levando muitos estudiosos a se dedicarem ao desenvolvimento de uma ciência da paz, visando prevenir conflitos bélicos futuros. Contudo, o estopim da Segunda Guerra Mundial validou a abordagem Realista, que enfatiza o poder, a segurança e a competição entre Estados como elementos-chave do sistema internacional (Waltz, 2002). Isso evidenciou que os Estados são os principais atores no cenário internacional, buscando primariamente seus interesses de segurança e poder. Com o advento da Guerra-Fria, houve um aumento significativo nos estudos voltados para a promoção da paz dentro das ciências humanas e Relações Internacionais (Ramsbotham; Miall; Woodhouse, 2005).

Durante as décadas de 1950 e 1960, período de auge da Guerra Fria, o campo da Resolução de Conflitos (CR) emergiu como uma resposta à ameaça global representada pela possibilidade de uma guerra nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética (Ramsbotham; Miall; Woodhouse, 2005). Nesse contexto, houve um significativo desenvolvimento de conhecimentos voltados para a compreensão da paz e dos conflitos, com o objetivo principal de evitar e transformar situações de tensão entre Estados.

Com o fim da Guerra Fria e a subsequente fragmentação da União Soviética, em 1991, o campo dos Estudos de Segurança Internacional passou por uma transformação. Nesse sentido, teorias liberais ganharam destaque nos debates sobre resolução de conflitos ao enfatizarem a importância da cooperação, das instituições internacionais e da interdependência econômica como elementos fundamentais para a promoção da paz e a prevenção de conflitos interestatais (Keohane; Martin, 1995). No entanto, esse protagonismo teórico na resolução de conflitos com base nos valores do internacionalismo liberal que, de acordo com Souza (2018), não conseguem compreender completamente que os novos conflitos surgidos após a Guerra Fria são, em parte, um subproduto do impacto da ocidentalização e das dinâmicas globais.

Apesar dessas críticas, muitos estudiosos como Lederach (2015) e Ramsbotham (2005) concordam que a capacidade de resolver conflitos nas sociedades e instituições políticas é fundamental para lidar com o fenômeno da guerra de maneira eficaz, principalmente como uma forma de prevenção, postura adotada também pela Organização das Nações Unidas (Departamento de Operações de Paz das Nações Unidas/Departamento de Apoio às Missões, 2008). Isso envolve o desenvolvimento de abordagens multidisciplinares, o fortalecimento de instituições de governança global e regional, a promoção da democracia e dos direitos humanos,

além do estímulo ao diálogo e à negociação como ferramentas primordiais na busca por soluções pacíficas para os conflitos.

O principal teórico trabalhado nesta sessão será Oliver Ramsbotham, acadêmico britânico especializado em estudos de paz, conflitos e resolução de conflitos. Segundo Ramsbotham (2005), o campo de Resolução de Conflitos seria a tentativa de superar as contradições estruturais, relacionais e culturais que estão na origem do conflito, a fim de sustentar os processos de pacificação e manutenção da paz.

We argue for a broad understanding of conflict resolution, to include not only mediation between the parties but efforts to address the wider context in which international actors, domestic constituencies and intra-party relationships sustain violent conflicts (Ramsbotham, 2005, p. 10).

A Resolução de Conflitos não se limita a prescrever soluções específicas para resolver um conflito, mas sim busca encontrar maneiras de transformar conflitos reais ou potencialmente violentos em processos pacíficos de mudança política e social.

Como explica Ramsbotham (2005), existem diversas categorias de conflito, incluindo a transição de um “conflito” para um “conflito armado”, que ocorre quando ambas as partes utilizam a força com arsenal militar. Na RC, destacam-se várias abordagens e processos para lidar com situações conflituosas. O autor trabalha o termo *Conflict Settlement* como um processo no qual busca assentar um conflito e obter um acordo entre as partes envolvidas, ou seja, tenta alcançar uma solução duradoura e satisfatória para todas as partes, minimizando ou eliminando as fontes de tensão e disputa entre os atores. Enquanto o *Conflict Management*, por sua vez, se refere às estratégias utilizadas para a limitação, mitigação e contenção de conflitos violentos, reduzindo os efeitos negativos deste.

Diante desse contexto, é crucial abordar a definição de conflito para compreender como ele surge, como identificar a escalada e a transformação gradual de suas implicações, e, por fim, como alcançar uma resolução para o conflito.

## 2.1 O QUE É UM CONFLITO?

Conflito refere-se a uma situação de oposição, divergência ou confronto entre atores como Estados, organizações internacionais, grupos não estatais ou até mesmo indivíduos, em questões que envolvem interesses, valores ou objetivos divergentes, na qual podem ocorrer em diferentes níveis (Deutsch, 1973). Embora muitas vezes o termo “conflito” seja automaticamente associado a disputas armadas ou guerras, na realidade, as Relações

Internacionais reconhecem uma ampla gama de conflitos que vão além do uso da força militar, como disputas diplomáticas e econômicas (Lederach, 2015). Portanto, embora os conflitos não se limitem apenas aos confrontos armados, é inegável que o uso da violência ainda seja o mais comum no cenário internacional. Assim, é crucial destacar que existe uma fronteira sutil entre um conflito e a utilização da violência, uma vez que o conflito é um fenômeno mais amplo relacionado à dificuldade de conciliar objetivos por parte dos envolvidos.

Como aponta Lederach (2015), o conflito é um fenômeno natural e inevitável das relações humanas que surge de diferenças e, embora seja visto de forma negativa devido às suas potenciais consequências adversas, ele é o motor de mudança, uma vez que o conflito gera a oportunidade de transformação.

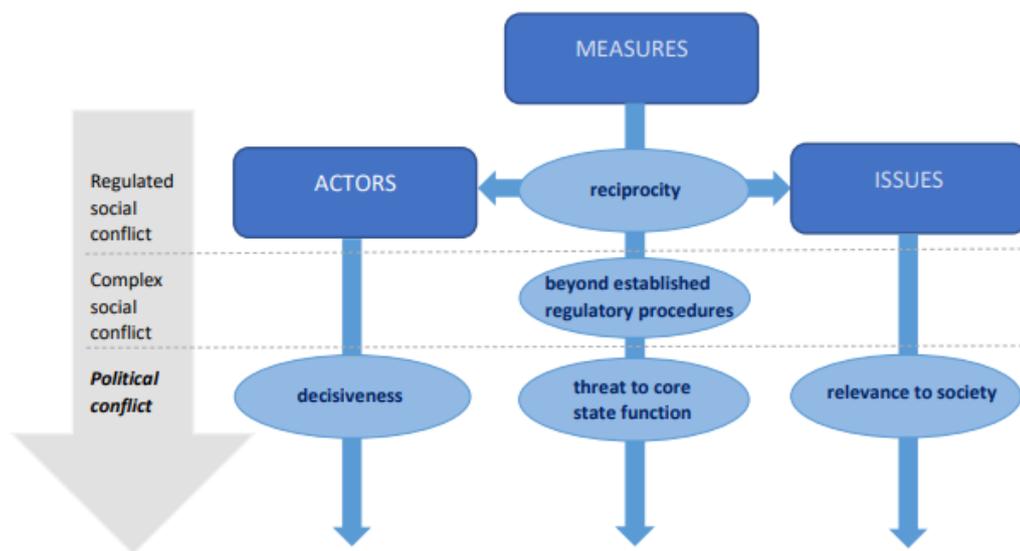
conflict is normal in human relationships and conflict is a motor of change. And transformation is clear in vision because it brings into focus the horizon toward which we journey, namely the building of healthy relationships and communities, both locally and globally (Lederach, 2015, p. 2).

O conflito, portanto, não é intrinsecamente negativo, ele desempenha um papel crucial na mudança social e no desenvolvimento das relações humanas. De acordo com a definição da Organização das Nações Unidas (ONU, 2008) ele surge quando dois ou mais grupos percebem que seus interesses são incompatíveis e não possuem um sistema eficaz de gestão de conflitos, o que pode levar ao surgimento de conflitos violentos entre essas partes. Conforme Winstok (2008) observou, um conflito se converte em violência quando uma ou ambas as partes tentam repetidamente impor suas posições sobre a outra. Esse processo de transformação é complexo e pode ocorrer em uma variedade de contextos sociais, políticos, territoriais e culturais, muitas vezes desencadeando um ciclo de retaliação e escalada no conflito. Isso acarreta prejuízos para todos os envolvidos e cria um ambiente propício ao surgimento de novas tensões com países terceiros, levando em conta conflitos internacionais. Por isso, como Ramsbotham (2005) ressalta, é crucial compreender as raízes e dinâmicas desses conflitos para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e resolução dos mesmos.

Para o *Conflict Barometer* (2022), uma ferramenta desenvolvida pelo *Heidelberg Institute for International Conflict Research* (HIIC) para definir e categorizar conflitos, estes são diferenciados com base em seus níveis de intensidade. Segundo essa abordagem, um conflito político é caracterizado pela incompatibilidade de intenções entre, pelo menos, atores individuais ou coletivos. Os componentes que constituem um conflito político são os atores, medidas e questões, os quais são estudados de maneira interligada, uma vez que são essenciais

para a análise das causas dos conflitos e sua possível resolução. A metodologia do HIIK baseia-se em um conjunto de ações específicas e atos de comunicação entre as partes envolvidas no conflito, no qual operam com o auxílio de indicadores qualitativos e quantitativos dos meios e consequências da violência (*Conflict Barometer*, 2022). Conforme ilustrado na Figura 1 abaixo, os atores representam as partes envolvidas, enquanto as medidas referem-se às ações tomadas por esses atores. As questões, por sua vez, representam os temas centrais do conflito político.

**Figura 1** – Conceito de Conflito Político



**Fonte:** Heidelberg Institute on International Conflict Research (2022)

Portanto, os envolvidos podem ser atores coletivos, como Estados, Organizações Internacionais e Atores Não-Estatais, ou indivíduos que participam da tomada de decisões e estão envolvidos no confronto. São aqueles que, no contexto de um conflito político, realizam medidas por meio de ações e atos de comunicação. Por outro lado, as questões são os objetivos perseguidos pelos atores do conflito por meio dessas medidas, como território, poder internacional e recursos (*Conflict Barometer*, 2022). Trazendo para uma análise do contexto da Rússia, os atores do conflito incluem não apenas o governo russo, mas organizações internacionais como a OTAN com a qual a Rússia interage. A medida de conflito realizada pela Rússia o uso de força militar e formas de influência política e social como o uso da propaganda, enquanto as questões do conflito envolvem o equilíbrio de poder russo no cenário internacional e a defesa de seus interesses nacionais, além de recursos naturais e integridade territorial.

O modelo da ONU (2008) reconhece a evolução dos conflitos e a necessidade de uma resposta adequada ao seu nível de intensidade, e as operações de manutenção da paz das Nações Unidas são implantadas para estabilizar uma situação de conflito, monitorar um cessar-fogo ou facilitar o processo de paz entre as partes em conflito, conforme a Figura 2 abaixo.

**Figura 2 – Modelo da ONU**



**Fonte:** ONU (2008)

À medida que o conflito evolui, as operações de manutenção da paz ajustam suas estratégias e táticas para lidar com a intensidade e as dinâmicas emergentes que surgem com a escalada do conflito. Dessa forma, a prevenção de conflitos visa evitar que conflitos se intensifiquem e se tornem violentos, contudo, uma vez que esse objetivo não é alcançado a construção e a imposição da paz são implementadas buscando estabelecer as condições necessárias para esse efeito. Diferentemente da construção da paz, no qual atua por meio de medidas de negociação com a implementação de acordos de paz, a imposição da paz envolve o uso de medidas coercitivas, como o uso da intervenção militar para interromper um conflito e impor um acordo de paz. Durante o cessar-fogo, a manutenção da paz é uma técnica utilizada para preservar a paz em locais em que combates foram interrompidos, preservando o momento de paz (ONU, 2008).

Johan Galtung (1999) postula a existência de uma distinção entre os tipos de violência, identificando-os como direta, cultural e estrutural. Esses conceitos são representados em seu modelo teórico conhecido como Triângulo do Conflito, que auxilia na compreensão das diversas dimensões e níveis de um conflito, além de suas interações, uma vez que as três categorias são interdependentes. O autor investiga as origens de um conflito para transformar suas estruturas, visando alcançar uma paz duradoura. Em paralelo a essa abordagem, Lederach (2015) adota uma perspectiva de transformação de conflitos para promover mudanças nas estruturas conflituosas, visando à redução da violência. Essa abordagem contrasta com a simples resolução de conflitos, cujo foco está na solução imediata de problemas indesejados, ou seja, o mecanismo de resolução é separável do conflito (Kriesberg, 1989, p. 2). Enquanto a resolução de conflitos busca lidar com problemas já existentes, a transformação de Lederach concentra-se em reformar as estruturas para evitar o surgimento de conflitos no futuro.

Conforme apontado por Kriesberg (1989) e em concordância com as visões de Ramsbotham (2005, p. 15) sobre conflitos intratáveis, um conflito pode ser caracterizado como intratável quando não apresenta uma solução viável ou quando resiste de maneira significativa às tentativas de resolução. Diante disso, torna-se necessário compreender como um conflito evolui para o estado intratável por meio da escala e escalada de conflitos.

## 2.2 COMO IDENTIFICAR ESCALA E ESCALADA?

Após a exploração do conceito de conflito, serão analisadas a diferença e o significado dos conceitos de escala e escalada de conflitos. A escala refere-se ao grau de intensidade em que um conflito se encontra. Diversos estudiosos desenvolveram modelos teóricos para elucidar e exemplificar como esse nível de intensidade é alcançado em um conflito.

Friedrich Glasl (1982), em seu modelo, apresenta etapas de escalada de conflitos, que vão desde a possibilidade de interação e cooperação entre os atores até o uso da violência e, por fim, o estado de guerra. Em contraste, Lund (1996 *apud* Bösch, 2017) propõe uma classificação que considera a gravidade e a abrangência dos conflitos em um modelo mais simplificado em comparação com o de Glasl, categorizando-os em conflitos de baixa, média e alta intensidade. Para o autor, na fase de “paz duradoura”, ocorre um “alto nível de reciprocidade e cooperação”, sendo que a violência não é uma opção (Lund, 1996, p. 39 *apud* Bösch, 2017).

O *Conflict Barometer* (2022) elenca cinco indicadores que representam os níveis de conflito (Figura 3) compondo uma transição de não violento para violento. É evidente que, em conflitos de baixa intensidade, os atores envolvidos não recorrem ao uso da violência sendo classificados como uma simples disputa e crises não violentas, enquanto em conflitos de média e alta intensidade, como as crises violentas e guerras, a violência está presente.

**Figura 3** – Conceito de intensidade de conflito

intensity Level	terminology	level of violence	intensity class
1	dispute	non-violent conflicts	low intensity
2	non-violent crisis		
3	violent crisis	violent conflicts	medium intensity
4	limited war		
5	war		high intensity

**Fonte:** Heidelberg Institute on International Conflict Research (2022)

A escalada refere-se ao processo de evolução do conflito, caracterizado pelo aumento gradual da intensidade e gravidade das ações das partes envolvidas. Isso ocorre quando uma ou mais partes em conflito começam a adotar táticas mais agressivas umas contra as outras, como o uso de ameaças e, eventualmente, violência (Buyse, 2014). Durante a escalada de conflitos, observa-se a ampliação do conflito e os meios utilizados durante esse processo (Pruitt; Kim; Rubin, 2003 *apud* Bösch, 2017). Sabendo que um conflito consiste na incompatibilidade de interesses (Diez; Albert; Stetter, 2006, p. 565 *apud* Bösch, 2017), a evolução de conflito é identificada em um ambiente de competição entre os atores envolvidos. É comum durante sua escalada, as questões originais perderem a sua relevância e a tendência ser vencer o conflito, não importa o preço a ser pago durante a escalada, objetivo principal passa a ser a conquista da

vitória, mesmo que isso signifique sacrifícios significativos ao longo do processo (Kempf, 2002).

Conforme afirmado por Kempf (2002), a escalada do conflito progride por três níveis principais. No primeiro nível, que ocorre no contexto de competição, é adotado um modelo de ganha-perde (*Win-lose*). Segundo Glasl (1982), na primeira etapa, ainda há espaço para a cooperação entre os atores envolvidos. No entanto, à medida que as ideias e ações divergem e se passa para a segunda etapa, o comportamento competitivo se torna predominante. Quando uma das partes se sente ameaçada, o conflito intensifica-se, evoluindo para uma luta e, eventualmente, para uma guerra quando o uso da violência se torna uma realidade presente.

The mutual violence becomes the main issue of the conflict, and in the end the parties even may lose sight of their original goals, They no more fight in order to enforce their goals at the expense of the opponent; they only fight in order to keep the opponent from victory, The conflict becomes a zero-sum game, in which there is only one goal, that is, to win; and to win means not to be the loser (Kempf. 2002, p. 66).

Como aponta Wæver e Bramsen (2019, p. 20) a escalada não se trata apenas dos mesmos atores intensificando seu conflito (vertical), mas também da propagação de conflitos para outros locais, movendo-se ao longo de várias redes e fluxos (horizontal). Com base no exposto por Kempf (2002), inicialmente, os conflitos podem surgir devido a diferenças de interesses ou objetivos entre as partes envolvidas. Contudo, à medida que a situação se agrava com o tempo, a violência entre as partes passa a ser o ponto central, obscurecendo seus objetivos originais. Essa mudança indica uma transição do conflito de um estado de busca por ganhos para um estado de evitar perdas, transformando-o em um “jogo de soma zero”. Nesse contexto, a vitória de uma parte implica necessariamente na derrota da outra, intensificando a competição, a hostilidade e, conseqüentemente, a escalada dos conflitos.

### 2.3 COMO SOLUCIONAR CONFLITOS?

A análise de conflitos busca investigar as origens e possíveis soluções para situações de confronto. Em várias abordagens dentro deste campo de estudo, diversos autores propõem diferentes mecanismos para compreender o conflito e, assim, encontrar os métodos mais apropriados para sua resolução. A resolução de conflito nasce para solucionar um conflito existente, enquanto a gestão de conflitos busca formas de prevenção, ou seja, é anterior ao conflito (Wallensteen, 2023). Para solucionar um conflito é essencial identificar e compreender

as causas subjacentes do antagonismo, como a análise dos interesses que estão sendo disputados pelos atores.

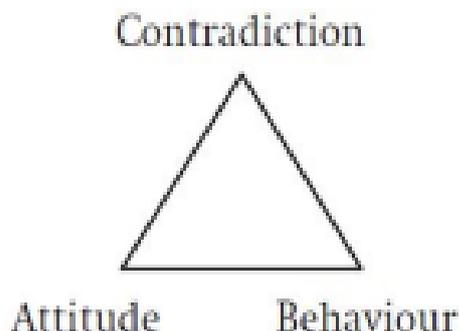
### 2.3.1 TRANSFORMAÇÃO DO CONFLITO

Segundo Lederach (2015), há uma distinção significativa entre os conceitos de resolução e transformação de conflitos, pois a transformação oferece uma abordagem diferenciada em relação ao conflito. Enquanto a resolução implica encontrar uma solução específica para um problema, a transformação de conflitos diz respeito à capacidade de perceber que o conflito possui potencial para gerar mudanças construtivas.

Para que um conflito possa se transformar de destrutivo em construtivo, é necessário adotar uma visão global dos episódios conflituosos, em vez de analisá-los de forma isolada, sem considerar os padrões e contextos envolvidos, uma vez que estes são elementos naturais nas interações humanas. O conflito é visto como um motor de mudança, permitindo assim a transformação das estruturas sociais subjacentes e a redução da violência nos ambientes em que estamos inseridos, buscando não apenas resolver disputas imediatas, mas também identificar e abordar as raízes profundas do problema (Lederach, 2015). A transformação de conflitos diverge da ideia de que o objetivo da resolução de conflitos é simplesmente restaurar o *status quo* anterior ao problema. Em vez disso, busca-se alcançar a paz por meio da redefinição e reestruturação da situação conflituosa (Lederach, 1997, p. 107-123 *apud* Vayrynen, 2019). Portanto, ao adotarmos uma abordagem de transformação de conflitos, podemos explorar o potencial transformador do conflito para fomentar uma cultura de paz, alterando a própria estrutura subjacente do conflito.

### 2.3.2 RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

No decorrer deste capítulo, foram exploradas as contribuições de diversos autores renomados no campo da resolução de conflitos. Entre esses estudiosos, destaca-se Johan Galtung (1999), cujo trabalho trouxe uma compreensão mais profunda sobre a dinâmica dos conflitos e propôs um modelo interdependente conhecido como triângulo de conflito. O “triângulo de conflito” de Galtung oferece uma visão abrangente do ciclo de vida do conflito, dividido em três fases distintas.

**Figura 4** – Triângulo de conflito

**Fonte:** Elaboração adaptada a partir do modelo de Galtung (2000)

Na primeira fase, denominada de “atitudes”, as partes envolvidas começam a perceber as tensões e diferenças entre elas, sinalizando o surgimento do conflito. É neste estágio que as percepções iniciais de desacordo começam a se manifestar. A segunda fase, nomeada como “comportamento”, é caracterizada pela resposta das partes diante das tensões percebidas. Neste estágio, podem ocorrer tanto a cooperação e negociação como também a presença de conflitos abertos e violência, dependendo das estratégias adotadas pelas partes envolvidas. Por fim, a terceira fase, conhecida como “contradição”, surge quando há uma incompatibilidade fundamental e persistente de interesses entre as partes. Este estágio é crucial, pois marca o aprofundamento do conflito e a dificuldade em encontrar soluções pacíficas, exigindo abordagens mais sofisticadas e transformadoras (Ramsbotham *et al.*, 2005).

Após explorar as bases teóricas anteriores, destacamos agora o modelo teórico de Friedrich Glasl (1982), que servirá como fundamento para o restante da pesquisa em questão. O Modelo de Escalada de Conflitos de Glasl tem como objetivo facilitar a compreensão e análise de conflitos em diferentes estágios de intensidade. O autor organiza seu modelo em nove etapas que representam o desenvolvimento gradual de um conflito. Dentro desse arcabouço teórico, é possível categorizá-lo em três níveis para uma análise mais objetiva da evolução do conflito e para buscar uma abordagem eficaz em sua resolução.

Para Glasl, a cada progressão nos estágios, torna-se mais desafiador lidar com o conflito. Portanto, compreender a escala do conflito é crucial para evitar que uma situação inicial de tensão se transforme progressivamente em um conflito de maiores proporções, potencialmente envolvendo violência. Por essa razão, o modelo de Glasl foi escolhido como referência

principal, dada sua abrangência superior em relação aos outros modelos discutidos anteriormente.

### **3 O MODELO DE ESCALADA DE CONFLITOS DE FRIEDRICH GLASL**

O modelo de escalada de conflitos de Friedrich Glasl, desenvolvido pelo pesquisador austríaco, oferece uma estrutura clara e detalhada que ajuda a entender como os conflitos evoluem ao longo do tempo e como as partes envolvidas podem intervir de maneira eficaz para prevenir ou resolver crises. Glasl baseou seu modelo em observações de conflitos organizacionais, sociais e internacionais. O autor estudou como os conflitos se desenvolvem, escalam e, eventualmente, podem ser resolvidos por meio da identificação de padrões recorrentes em diferentes tipos de conflitos de comportamento que ocorrem durante a escalada.

O autor estrutura seu modelo em nove etapas em que um conflito se desenvolve de forma gradativa, identificando os estágios pelos quais um conflito passa. É possível, ainda, dividir o modelo teórico em 3 níveis, para proporcionar uma análise objetiva da evolução do conflito e, a partir dele, buscar a efetividade na sua resolução (Glasl, 1982).

Para o autor, a cada evolução dos estágios torna-se mais difícil o tratamento do conflito (Glasl, 1982). Logo, compreender sua escala é primordial para não permitir que um momento de tensão cresça de forma progressiva para um conflito com proporções mais extensas, como o uso da violência, o que Lederach (2014) chamaria de Conflito Destrutivo. Por este motivo, o modelo de Glasl foi selecionado para examinar a evolução da Guerra entre Rússia e Ucrânia, visto que a intersecção do estudo do modelo teórico e o caso trabalhado nesta pesquisa pode fornecer lições importantes sobre como os conflitos podem surgir e se desenvolver, bem como podem ser prevenidos ou resolvidos de maneira pacífica.

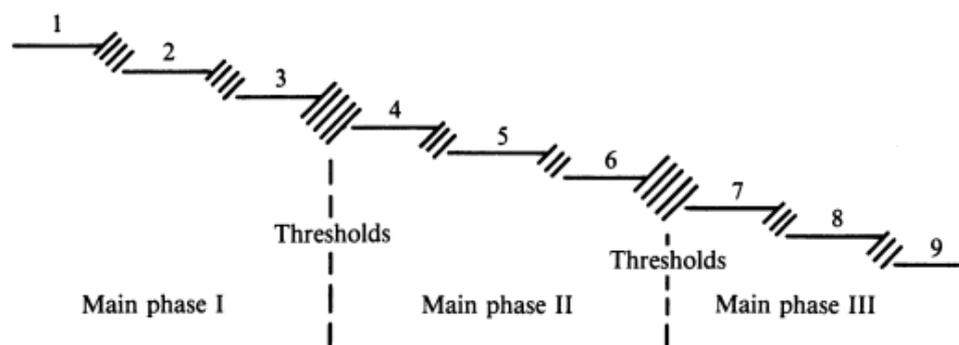
O conceito de escalonamento de conflitos varia de acordo com as abordagens adotadas pelos diferentes autores em seus modelos (Allwood; Ahlsén, 2015). Allwood e Ahlsén (2015) observam que as disparidades no número e na denominação das etapas sugerem que os autores focalizam tipos de conflito distintos, muitas vezes relacionados a situações de gravidade e longa duração. Por exemplo, o modelo proposto por Glasl (1982) descreve uma progressão que vai desde a comunicação verbal até ações físicas, como tentativas de causar danos físicos a outra pessoa, como discutido por Allwood e Ahlsén (2015).

The differences in the number of stages and in the labeling of the stages indicate 81 that the different authors have somewhat different types of conflict in focus, and 82 that most of them are models of conflict of a long-term, very serious type of 83 conflict. At least three of them (Glasl, Cornelius et al., and Hocker and Wilmot) 84

contain escalation that involves moving from words to action, from verbal threats 85 to trying to hurt another person physically. This type of escalation is not typical 86 for most everyday conflictual communicative interactions that often mainly contain 87 argumentation, discussion, and perhaps quarrel (Allwood; Ahlsén, 2015, p. 55).

Essa teoria busca entender como os conflitos se desenvolvem e se tornam cada vez mais intensos ao longo do tempo. Como supracitado, o modelo compreende nove estágios evolutivos, distribuídos em três fases distintas, conforme ilustrado na Figura 4. Glasl argumenta que o modelo não deve ser interpretado como uma ascensão progressiva pelos estágios, mas sim como uma descida para níveis cada vez mais profundos (1982, p. 123). De acordo com o autor, o processo de escalonamento avança gradualmente, partindo de situações menos intensas e menos complexas em direção a situações cada vez mais intensas e complexas. Glasl enfatiza que, ao ultrapassar um estágio, se o conflito não for resolvido nos estágios iniciais, a possibilidade de uma resolução pacífica entre os envolvidos torna-se bastante reduzida (1982, p. 122).

**Figura 5** – Modelo de Escalada de Conflitos



**Fonte:** Friedrich Glasl (1982)

No que concerne às três fases distintas em que o modelo é dividido, cada uma é composta, ainda, por três estágios, os quais são delimitados por limites ou “pontos sem retorno”. Assim, serão apresentados os nove estágios do Modelo de Glasl a seguir.

### 3.1 FASE I - CONTENÇÃO

Nesta etapa inicial, os envolvidos reconhecem as tensões e os antagonismos entre si, porém buscam abordá-los de maneira racional e controlada. O conflito permanece em um estágio inicial, com a comunicação entre as partes ainda sendo relativamente aberta e

construtiva. O autor ressalta que os obstáculos enfrentados durante esse processo muitas vezes não têm origem em fontes objetivas do conflito, mas sim nas próprias interações entre as partes e em suas percepções, em vez de fatores externos tangíveis (Glasl, 1982).

O primeiro estágio denominado *tensão* ou *endurecimento* surge quando é identificada uma divergência entre os atores envolvidos. Tendo em vista que conflito é uma forma social que compreende uma situação de contradição, interação e tensão (Wæver; Bramsen, 2019), as partes tendem a defender princípios uma vez que possuem opiniões e objetivos antagônicos sobre o problema enfrentado, o que pode levar a uma competição, mas ainda há a possibilidade de cooperação. Quando uma parte se recusa a cooperar, surgem impasses que bloqueiam qualquer tipo de esforço para uma negociação (Glasl, 1982).

Conforme descrito por Glasl (1982), no segundo estágio, denominado *Debate e Polêmica*, ocorre uma mudança significativa no comportamento dos envolvidos, com uma busca pela superioridade que torna as diferenças mais evidentes e gera uma atmosfera de tensão. Neste estágio, “inicia-se uma luta por 'equidade'”, que facilmente se transforma numa luta pela superioridade” (Glasl, 1982, p. 125). Portanto, há uma polarização entre os ideais dos atores, mesmo que não haja dominação e opressão pelas partes, as discussões se transformam em debates. Isso porque, segundo o autor, os atores buscam resolver suas diferenças de forma pacífica e verbal.

No entanto, ao progredir do segundo estágio para o terceiro, intitulado *Ação ao invés de Palavras*, as táticas são alteradas. Durante esta fase, ocorre uma mudança na abordagem, passando da comunicação para resolver o conflito para a adoção de ações diretas. Com base nisso, os atores estão convencidos de que o diálogo não resolverá mais as questões, e as partes passam a se enxergar como concorrentes. Com a adoção de ações unilaterais e a falta de comunicação verbal, surge a desconfiança, pois os atores não têm clareza sobre os próximos movimentos uns dos outros (Glasl, 1982).

Out of tactical behavior they may draw conclusions on long-term intentions of the opponent. Thus, the parties start misperceiving and misinterpreting each other to a great extent. This fosters further aggravation and acceleration of the escalation (Glasl, 1982, p. 126).

Com base nisso, percebe-se uma mudança de motivos cooperativos para competitivos entre os atores. No primeiro estágio, os conflitos estão contidos em seu estágio inicial, com a comunicação entre as partes ainda relativamente aberta e construtiva. Os envolvidos podem expressar suas preocupações e diferenças de forma direta, e ainda há espaço para negociação e

resolução de maneira pacífica. No entanto, à medida que o conflito progride para o segundo e terceiro estágio, a tensão começa a aumentar, e as partes podem começar a adotar posturas defensivas. As divergências se aprofundam, mas ainda é possível conter o conflito antes que atinja proporções (Glasl, 1982).

### 3.2 FASE II - RUPTURA

A segunda fase é marcada pelo ataque de uma parte contra a outra, embora ainda busquem uma solução vantajosa, agora também almejam a vitória sobre seu adversário. Nessa fase, o autor sugere que as partes não conseguem conceber a resolução do conflito em conjunto, a única forma de solução é a exclusão da outra parte. Para Glasl (1982), o conflito atinge um ponto de ruptura, no qual as relações entre as partes se deterioram significativamente.

No quarto estágio da escalada de conflitos, conhecido como *Imagens e Coalizões*, as partes procuram formar coalizões buscando apoio de outros atores para criar um bloco contra seu oponente. Em relação à imagem, há uma tentativa de construir uma autoimagem positiva enquanto se prejudica a imagem do adversário. Portanto, a formação da coalizão neste estágio visa à afinidade, em que as partes desejam que os outros compartilhem de sua autoimagem e tenham uma visão negativa do inimigo (Glasl, 1982). De acordo com Jordan (2000), o conflito agora se concentra em afetar a parte adversária e em obter vantagens na disputa pelo poder, em vez de buscar resultados relacionados à questão em si.

Quando a desqualificação moral do oponente é estabelecida, o conflito atinge o quinto estágio, conhecido como *Perda de Prestígio*. Nesse ponto, de acordo com Glasl (1982), ao criar um estereótipo do inimigo, as partes se atacam, tentando evidenciar as ações equivocadas do outro e construindo uma representação malévola do oponente, intensificando assim a disputa entre os atores, isto porque as partes adotam comportamentos extremamente rígidos e encaram o conflito como uma questão de importância primordial.

Durante a transição do estágio cinco para o seis, denominado *Ameaças*, observa-se um aumento no nível de violência. Nessa fase, o uso de ameaças se torna mais comum, sendo principalmente empregado como uma estratégia para dissuadir a outra parte de recorrer à violência. Em outras palavras, as ameaças são utilizadas para pressionar a contraparte a fazer concessões (Jordan, 2006). No entanto, paradoxalmente, o resultado muitas vezes é o oposto, levando a um aumento da violência devido a contra-ameaças, criando um ciclo sem fim. Esse padrão persiste até que tais ameaças se concretizem, desencadeando assim uma crise no conflito. Isso ocorre porque, segundo Morgan (2003), a dissuasão é uma estratégia para impedir

que um ator estatal realize certas ações consideradas agressivas, mas as ameaças muitas vezes provocam ou causam as mesmas situações que se pretendia prevenir (Deutsch, 1968 *apud* Glasl, 1982).

### 3.3 FASE III - DESTRUÇÃO

Neste ponto, todas as partes perdem a perspectiva de seus objetivos originais e concentram-se exclusivamente em causar danos mútuos. Para Bosch (2017, p. 10), “ambos os lados veem o outro como um inimigo puro, sem qualidades humanas; sofrer menos danos que a outra parte passa a ser o objetivo principal; e no final, até o preço da autodestruição é aceito para destruir o inimigo”.

Quando o estágio sete, *Golpes destrutivos limitados*, é alcançado, não há mais expectativa de interação positiva entre os atores. A razão inicial do conflito perde relevância e o principal objetivo se torna causar dano ao oponente. O conflito assume uma dinâmica de perda para ambas as partes (*lose-lose*), onde não importa o preço que se pague para ferir o oponente, contanto que os danos para si sejam menores. O foco principal é neutralizar a outra parte (Glasl, 1982).

Quando as ameaças se transformam em ataques, chegamos ao estágio oito, caracterizado pela *Fragmentação* do inimigo por meio de ataques destrutivos e pela busca da autopreservação em meio a esse cenário conflituoso. Conforme descrito por Glasl (1982), as partes preferem avançar e arriscar mais danos em vez de recuar e capitular. Essa dinâmica é semelhante ao jogo do *chicken*, no qual dois jogadores se confrontam desafiando mutuamente a mostrar coragem, resistindo à pressão para desviar de uma rota de colisão iminente.

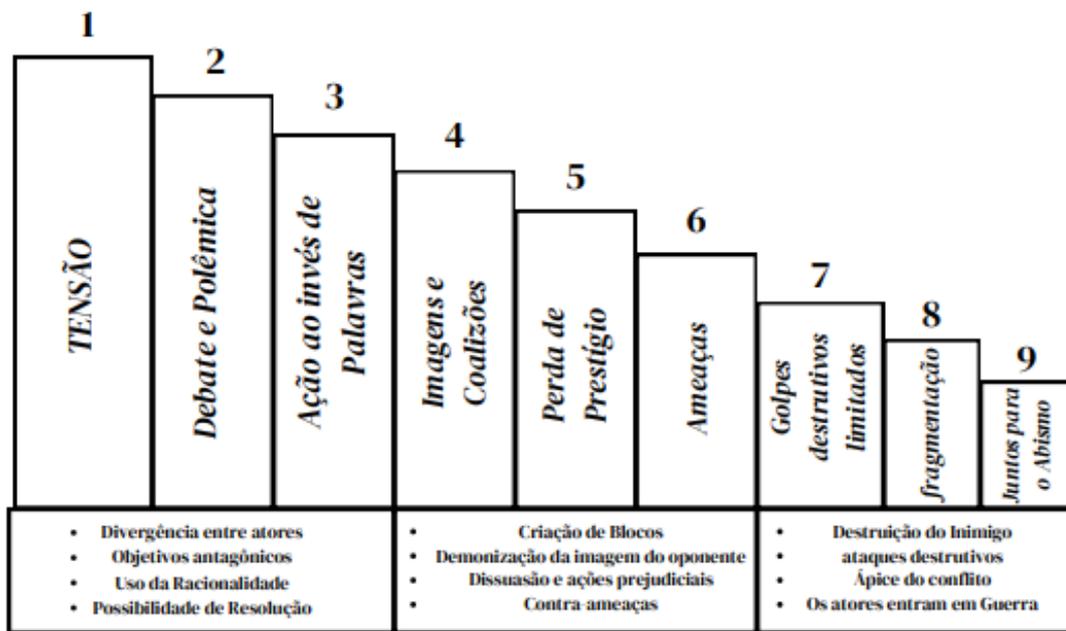
Two drivers race down the center of a road from opposite directions. If one swerves and the other does not, then the first will suffer the stigma of being known as a chicken (CD) while the second will enjoy being known as a hero (DC). If neither swerves, both will suffer grievously in the ensuing collision (DD). If both swerve, damage to the reputation of each will be limited (CC). Each driver's preference ordering is: DC > CC > CD > DD (Oye, 1985, p.8).

Nessa dinâmica, na qual nenhum dos atores deseja sair perdendo, ocorre um impasse em que nenhum jogador está disposto a ceder, resultando em um desfecho desastroso para ambos.

Finalmente, no nono e último estágio da escalada de conflitos, conhecido dramaticamente como *Juntos para o Abismo*, o objetivo é aniquilar a outra parte,

independentemente das consequências, levando o conflito a proporções destrutivas e resultando em danos irreparáveis. Não há limitação para o uso da violência. Como coloca Kahn (1965, *apud* Glasl, 1982) em relação à guerra termonuclear: “As partes apertam todos os botões da máquina de destruição de uma vez!”. O conflito atinge seu ápice, com consequências devastadoras para todas as partes envolvidas, e a possibilidade de uma resolução pacífica torna-se quase impossível (Glasl, 1982).

**Figura 6** – Escalonamento do modelo de Glasl



**Fonte:** Elaboração própria a partir do modelo de Glasl (1982).

Considerando estas três fases do Modelo de Escalada de Conflitos de Glasl apresentado, o modelo é selecionado como base para a pesquisa em questão, pois oferece uma estrutura abrangente para compreender o desenvolvimento dos conflitos ao longo do tempo e por essa razão será utilizado para analisar o contexto da guerra russa-ucraniana.

#### 4 CONTEXTO HISTÓRICO

A história entre Rússia e Ucrânia é marcada por uma longa trajetória de rivalidade histórica, cultural, conflito geopolítico e estratégico. A Ucrânia, após a dissolução da URSS em 1991, emerge com sua emancipação do território russo. Entretanto, as tensões persistiram e, em 2014, devido à polarização em seu território, com regiões pró-Rússia e uma aproximação com

o Ocidente, eclodiu um conflito entre os Estados. Esse conflito iniciou-se com a anexação da Península da Crimeia pela Rússia em 2014 (Kotoulas; Pusztai, 2022).

Em termos práticos, a Guerra Russo-Ucraniana se iniciou em 24 de fevereiro de 2022, com a invasão das tropas da Federação Russa no território ucraniano, classificada como uma “operação militar” pelo Presidente russo Vladimir Putin. No entanto, o início do conflito se deu muito antes, após o colapso da União Soviética e a emancipação da Ucrânia do território russo, em 1991. Desde esse período, as tensões entre as regiões têm se desenvolvido. A anexação da península da Crimeia pela Rússia, em março de 2014, foi um movimento que intensificou ainda mais o conflito entre os dois Estados com a retomada da região (Lebelem; Villa, 2022). Esse movimento se deu por conta da importância significativa da posição geoestratégica na qual a região se encontra para a Rússia.

Devido a essa centralidade geopolítica da Ucrânia, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tem estreitado as relações políticas com a região e, conseqüentemente, expandindo seu poder de influência no Leste-Europeu. Fato este, um dos estopins para o início da guerra entre Kiev e Moscou. Nesse sentido, o desenvolvimento da guerra da Ucrânia envolve diversos fatores históricos, políticos, étnicos e geopolíticos (Loureiro, 2022)

Em fevereiro de 2022, a Ucrânia se depara com uma realidade alarmante: o país é alvo de bombardeios, marcando um cenário internacional tenso com a notícia da invasão por parte da Federação Russa. Pela primeira vez desde o término da Segunda Guerra Mundial, a Europa enfrenta o desafio mais sério à ordem e à segurança europeia desde 1945 (Kotoulas; Pusztai, 2022). A decisão da Rússia de empreender tal ação, mesmo em meio à tensão entre Estados, surpreendeu tanto os meios de segurança internacionais quanto diversos analistas e especialistas em relações internacionais, uma vez que não havia sido prevista. Após quase dois anos de conflito, limite do recorte temporal da presente pesquisa, a guerra persiste sem uma perspectiva iminente de resolução pacífica.

Portanto, para melhor compreensão do contexto geopolítico das disputas entre esses atores faz-se necessário uma retrospectiva dos eventos históricos a partir da anexação da Crimeia em 2014, uma vez que, mesmo os laços históricos entre Moscou e Kiev sejam relevantes, não são vistos como fatores determinantes para o desenrolar do atual conflito.

#### 4.1 A ANEXAÇÃO DA PENÍNSULA DA CRIMEIA

Após o término da Guerra Fria, observou-se uma clara tendência de aproximação do Ocidente, representado pela União Europeia (UE) e pela OTAN, em direção ao Leste Europeu.

Essa aproximação se concretizou pela expansão das esferas de influência ocidentais em regiões anteriormente sob o domínio da extinta União Soviética, como a Ucrânia. Com a hegemonia dos EUA após o fim do conflito bipolar, a difusão da teoria da paz democrática, que argumenta que governos democráticos têm menos propensão a entrar em conflitos entre si (Raich, 2002), surge a justificativa para a busca pela implementação de regimes democráticos e a preocupação pela segurança internacional do Ocidente diante da influência russa sobre a Ucrânia e, conseqüentemente, a Crimeia. Por outro lado, a Rússia percebe a aproximação ocidental do Leste Europeu como uma ameaça a sua segurança nacional e uma violação de sua esfera de influência histórica.

O interesse russo na região da Crimeia remonta há séculos atrás. Isso confere ao conflito um contexto histórico profundamente extenso e complexo, uma vez que a Rússia não foi a única potência a disputar o controle da região, visto que a crise na Crimeia surge de uma competição que se verificava entre a União Europeia (UE) e a Rússia quanto à orientação geoestratégica e econômica pela governação ucraniana (Trenin, 2014 *apud* Oliveira, 2016).

Segundo a análise de Mearsheimer (2022), essa dinâmica desempenhou um papel crucial como catalisador para a invasão da Crimeia em um primeiro momento, seguida pela escalada do conflito na Ucrânia em 2022. Segundo Gonçalves (2022), durante a Guerra Fria a formação da OTAN teve como objetivo estabelecer um pacto de segurança mútua entre seus membros, visando conter possíveis ameaças da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e impedir sua expansão no continente europeu.

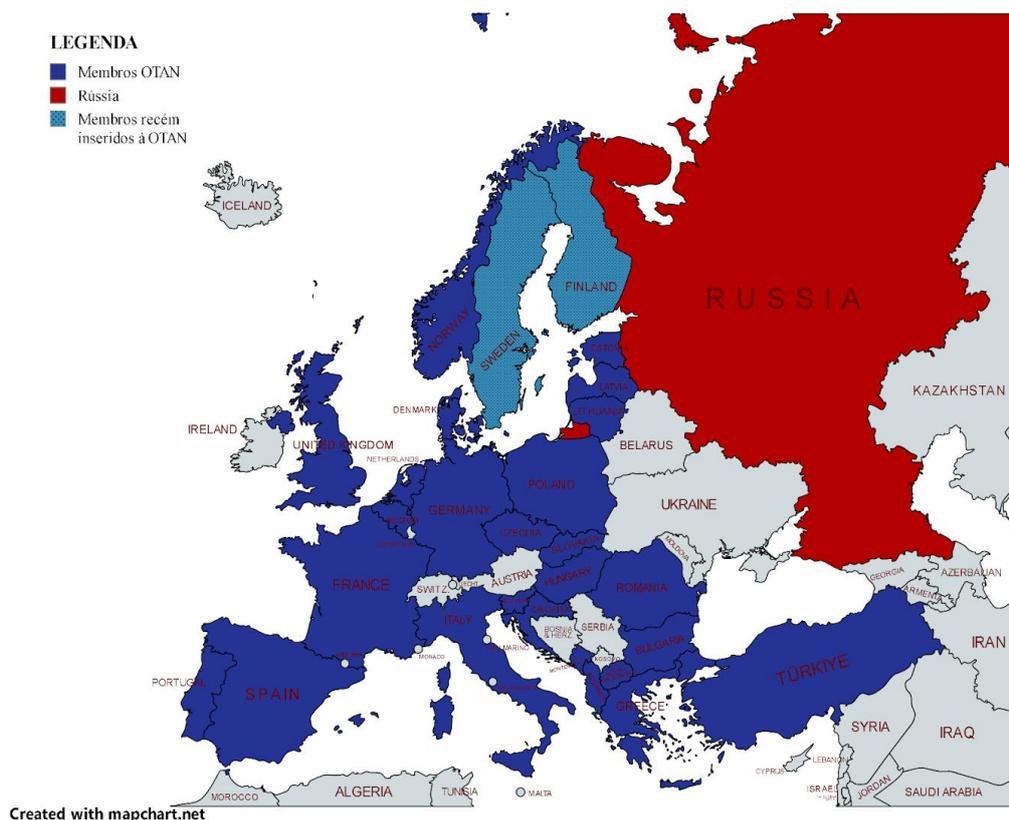
Primeiramente, a própria razão de existência da organização, era originalmente a de conter a influência da URSS – e posteriormente, Federação Russa – na região da Eurásia. O segundo, por conta do poderio militar da organização, e do número de membros que podem contribuir de alguma forma para conter os objetivos russos (Gonçalves, 2022, p.20).

Com o avanço da OTAN em direção ao Leste Europeu, o presidente russo, Vladimir Putin, sentiu-se crescentemente pressionado a essa expansão. Para responder a essa pressão, ele tomou a decisão de posicionar forças militares nas fronteiras dos territórios ucranianos pró-russos. Essa abordagem expansionista levou analistas a interpretar o discurso de Putin como um desejo de restaurar a grandeza do império russo, buscando retornar aos tempos da “Grande Rússia” (Bērziņš, 2023).

O contínuo expansionismo da OTAN sobre as fronteiras russas, ao incorporar na estrutura de sua organização ao menos 11 países do Leste europeu (a maior parte dos quais estavam na área de influência do bloco soviético nos anos da Guerra Fria), teria

produzido, dessa forma, fortes temores na liderança russa sobre as reais intenções dos Estados Unidos e da União Europeia sobre as fronteiras russas (Lebelem; Villa, 2022)

Após a dissolução da URSS, a Ucrânia emergiu como um país livre da esfera de influência da FR, voltando-se para o eixo de influência ocidental. No entanto, essa transição não ocorreu sem conflitos, já que a sociedade ucraniana se divide ideologicamente em dois grupos distintos: os pró-ocidentais e os pró-russos, os quais exercem influência na sociedade e política do país (Csaba, 1996).

**Mapa 1** – Mapa da inserção da Suécia na OTAN em 2024

**Fonte:** Elaboração própria.

Em dezembro de 2013, o então Presidente ucraniano, Viktor Yanukovich (2010-2014), protagonizou uma decisão de grande impacto ao recusar um acordo com a União Europeia. Após um período de intensas negociações e barganhas, Yanukovich optou por rejeitar o pacto europeu. Essa escolha foi motivada pelo atrativo de propostas vindas da Rússia, que prometiam benefícios econômicos substanciais para a Ucrânia. A decisão de Yanukovich gerou consequências significativas tanto internamente quanto internacionalmente, desencadeando uma onda de protestos na Ucrânia e alimentando tensões geopolíticas entre o país, a União Europeia e a Rússia (Sloboda, 2014).

Essa tomada de decisão desencadeou uma série de protestos por parte dos cidadãos ucranianos considerados pró-ocidentais. Como resultado, uma clara divisão surgiu na sociedade ucraniana: de um lado, os pró-ocidentais, que advogavam por uma maior integração com o Ocidente, visando a adesão à União Europeia; do outro, os pró-russos, que defendiam a manutenção dos laços com a Rússia (Nunes; Silva, 2018).

Após a queda de Yanukovich do poder, ocorreu uma invasão militar russa na península da Crimeia. É fundamental destacar a importância econômica, geopolítica e estratégica da

região para a Federação Russa. A Crimeia, considerada uma área privilegiada para os russos, proporcionava acesso às águas temperadas do Mar Negro, facilitando o transporte de mercadorias (Magocsi, 2010 *apud* Lebelem; Villa, 2022). Além disso, abrigava a base naval de Sevastopol, lar da Frota do Mar Negro russa, desempenhando um papel crucial no controle e projeção de poder naval na região (Nunes; Silva, 2018). Motivada por esses fatores e pelo sentimento antiocidental na região, a intervenção russa resultou na anexação da Crimeia ao território russo, em 2014.

A Rússia enfrentou críticas da comunidade internacional e foi alvo de penalidades, como sanções econômicas pelo Ocidente, devido à sua anexação da Crimeia. De acordo com Sloboda (2014), a intervenção russa na Ucrânia foi considerada uma violação do Direito Internacional.

Assim, analisando os eventos de 2014, é possível entender que a atual guerra na Ucrânia resulta de uma interseção de diversos fatores. Estes vão desde a visão nacional russa sobre o significado desse país para sua própria identidade nacional, até a expansão contínua da OTAN em direção à esfera de influência russa. O ponto inicial do conflito foi a ameaça percebida de incorporação à instituição militar norte-atlântica pela Ucrânia (Carmona, 2022).

#### 4.2 A GUERRA RUSSA-UCRANIANA

A guerra russo-ucraniana, um conflito de significância internacional, teve suas raízes profundamente estabelecidas em tensões históricas, políticas e étnicas que remontam décadas (Lebelem; Villa, 2022). A escalada de tensão começou com as movimentações militares russas em direção à fronteira do território ucraniano, em 2021. Diante da proximidade dos Estados Unidos e da OTAN, a Rússia, sob a justificativa de “garantias de segurança”, solicitou o cessar da intervenção militar na Europa Oriental e na Ásia Central, regiões consideradas zonas de interesse russo. Isso comprometeria a possibilidade de a Ucrânia e a Geórgia aderirem à OTAN. No entanto, diante da recusa das exigências russas, a OTAN não recuou e alertou sobre a imposição de severas sanções econômicas ao território russo no caso de uma nova invasão da Ucrânia (Kotoulas; Pusztai, 2022). Diante das pressões do Ocidente, a Rússia nega qualquer intervenção militar na Ucrânia, justificando que se trata apenas de uma operação militar.

Conforme o Ministério da Defesa da Estônia (2023) relata, ao contrário da narrativa russa divulgada à imprensa internacional, o Estado russo possui objetivos estratégicos hostis a longo prazo, e sua postura imperialista na guerra conta com amplo apoio dentro da sociedade russa. Isso representa uma ameaça significativa à segurança Euro-Atlântica.

Desde a ascensão de Vladimir Putin ao poder em 2000, uma narrativa persistente tem sido sistematicamente promovida na Rússia, sugerindo que o objetivo do Ocidente é destruir o país. Enquanto Kiev mantinha uma política de aproximação contínua com a União Europeia e a OTAN como uma medida de segurança contra possíveis incursões russas, isso agravava o dilema de segurança entre Kiev e Moscou (Loureiro, 2022).

Em fevereiro de 2022, a Rússia reconheceu a independência das repúblicas de Donetsk e Luhansk, localizadas na região ucraniana de Donbass. Essas áreas desempenham um papel crucial na guerra russo-ucraniana devido à sua significativa importância econômica, étnica, geopolítica e estratégica. Donetsk e Luhansk possuem uma forte identidade cultural russa e são centros industriais importantes na região, especialmente na mineração de carvão e na metalurgia. Além disso, como pode ser identificado no mapa abaixo, elas fornecem uma possível rota terrestre para a Crimeia, o que poderia fortalecer a posição russa na península e facilitar a conexão entre a Rússia continental e a Crimeia, anexada pela Rússia em 2014 (Farias, 2022).

**Mapa 2** – Rota de Donbass à Crimeia

**Fonte:** Ilustração adaptada do Mapa da Ucrânia (2022)

O controle dessas regiões é vital para os interesses tanto da Ucrânia quanto da Rússia. Para a Ucrânia, manter o controle dessas áreas é crucial para preservar sua integridade territorial e garantir sua segurança nacional. Para a Rússia, o controle ou influência nessas regiões permite exercer pressão sobre a Ucrânia, bem como enfraquecer os esforços ucranianos em se aproximar do Ocidente, particularmente da União Europeia e da OTAN (Campato Jr., 2022).

De acordo com Kotoulas e Pusztai (2022), a Rússia alegou que a OTAN tinha interesses em invadir a Crimeia por meio da Ucrânia, e por essa razão a Rússia tomou medidas preventivas contra tal ação.

NATO countries did not want to listen to us. They had different plans, and we saw it. They were planning an invasion into our historic lands, including Crimea. [...] Russia gave a preemptive rebuff to aggression; it was a forced, timely, and only right decision (p. 11).

Os planos estratégicos iniciais da Rússia incluíam a captura da capital ucraniana, Kiev, e após 4 meses de conflito, esse objetivo foi alcançado. A Ucrânia está resistindo com o auxílio bélico do Ocidente, mas ainda não conseguiu atingir seus objetivos táticos. Até agora, fez apenas pequenas incursões, enquanto a Rússia está marcando um lento avanço e solidificando

suas conquistas territoriais ao longo do território. Com base nos dados que indicam 8 milhões de ucranianos refugiados devido à guerra, a crise humanitária resultante é considerada a maior onda de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial (Kotoulas; Pusztai, 2022).

Com o apoio contínuo do Ocidente à Ucrânia e diante da expansão territorial russa sobre o país, países como Suécia e Finlândia estão reexaminando suas posições de décadas em relação à segurança regional. Como resposta a esses eventos, ambos os países optaram por buscar a adesão à OTAN, buscando uma maior garantia de segurança e proteção contra possíveis ameaças externas. Isso porque, segundo o princípio de defesa coletiva da OTAN, consagrado no Artigo 5º do Tratado de Washington, um ataque contra um ou mais dos seus membros é considerado um ataque contra todos, e todos os membros se comprometem a responder coletivamente para defender a segurança e a integridade territorial dos aliados (The North Atlantic Treaty, 1949). Diante da escalada das tensões na região, essa garantia de proteção contra possíveis ameaças externas tem sido um fator decisivo na busca pela adesão à OTAN por parte desses países.

De acordo com Loureiro (2022), hipoteticamente, existem dois cenários caso a Rússia saia vitoriosa na guerra na Ucrânia. O primeiro seria a possível incorporação de determinados territórios ucranianos a Moscou, como no caso da obtenção de uma ligação terrestre entre a Rússia e a Península da Crimeia. O segundo cenário seria a incorporação, pela Rússia, de toda a costa do Mar Negro, de Mariupol a Odessa, além da possível instalação de um governo pró-Moscou em Kiev. Estes cenários delineiam possíveis desdobramentos geopolíticos caso a Rússia alcance seus objetivos na Ucrânia.

É evidente que a guerra continua em andamento durante a elaboração deste trabalho, portanto, as informações fornecidas serão atualizadas até o momento da adesão da Suécia à OTAN, em 2024.

## **5 A ESCALADA DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO: UMA ANÁLISE À LUZ DO MODELO DE GLASL**

O propósito da presente pesquisa é fornecer uma visão do desenvolvimento da guerra russo-ucraniana, a priori com a contextualização dos estágios iniciais do conflito entre o Estado da Federação Russa e o Estado Ucraniano. Busca-se realizar uma análise das fases do conflito utilizando o modelo proposto por Friedrich Glasl, identificando os estágios evolutivos da disputa. Para atingir esse objetivo, inicialmente apresentamos o que é um conflito de acordo com os estudos de resolução de conflitos, partindo para a introdução ao Modelo de Escalada de

Conflitos de Glasl, seguido pela contextualização do conflito russo-ucraniano em questão. Neste capítulo, procederemos à aplicação do modelo teórico de Glasl aos dois estágios do conflito, considerando a guerra em curso.

### 5.1 A APLICAÇÃO DO MODELO À GUERRA RUSSO-UCRANIANA

O primeiro estágio, *tensão*, é marcado pelo antagonismo entre as partes; entretanto, por meio do uso da racionalidade, as partes buscam soluções por meio da comunicação. No entanto, a cooperação é dificultada quando uma das partes se recusa a participar das negociações (Glasl, 1982). O antagonismo entre a Rússia e a Ucrânia, que culminou na invasão da Crimeia, teve suas raízes em uma série de questões políticas, étnicas e históricas. O início do antagonismo mais agudo pode ser rastreado até 2004, com a Revolução Laranja na Ucrânia, que levou a uma divisão clara entre os pró-Occidente e os pró-Rússia no país. Isso foi agravado pela tentativa da Ucrânia de se aproximar da União Europeia em 2013, o que desencadeou a crise política que levou à revolta popular conhecida como Euromaidan (Kulyk, 2016). Essa oposição interna alimentou discursos e ações separatistas, especialmente nas áreas orientais da Ucrânia, impulsionadas pelo apoio russo. Esse antagonismo entre os ucranianos e os separatistas pró-russos exacerbou as divisões internas no país e contribuiu para a escalada do conflito na região.

Como mencionado anteriormente, o segundo estágio, *Debate e Polêmica*, é caracterizado pela resolução pacífica e verbal das diferenças entre os atores envolvidos (Glasl, 1982). No entanto, no contexto do conflito Russo-Ucraniano, não se observa essa transição do primeiro para o segundo estágio, havendo um salto direto para o *Ação ao invés de Palavras*, o terceiro estágio da escalada. Isso se deve à crescente preocupação russa com sua influência sobre a Ucrânia, levando a uma resposta da Rússia com a anexação da Crimeia em 2014. Posteriormente, houve o apoio a grupos separatistas no leste da Ucrânia, o que resultou no desencadeamento de um conflito armado na região (Kulyk, 2016).

Com a mudança de lente, na qual Moscou e Kiev passam a se ver como concorrentes e tomam ações unilaterais, surge uma desconfiança mútua entre si, pois os atores não têm clareza sobre os próximos passos uns dos outros. Durante o terceiro estágio, devido à agressividade das políticas de expansão da OTAN e da União Europeia em direção aos Estados pós-soviéticos (Fernandes, 2022), e em resposta à invasão da Crimeia pela Rússia, a dinâmica de segurança nas regiões pode ser observada como volátil. Isso está alinhado com a teoria realista do dilema de segurança, que argumenta que a busca pela própria segurança muitas vezes alimenta a insegurança de outros estados (Smith, 2016). De acordo com Wheeler e Booth (1992 *apud*

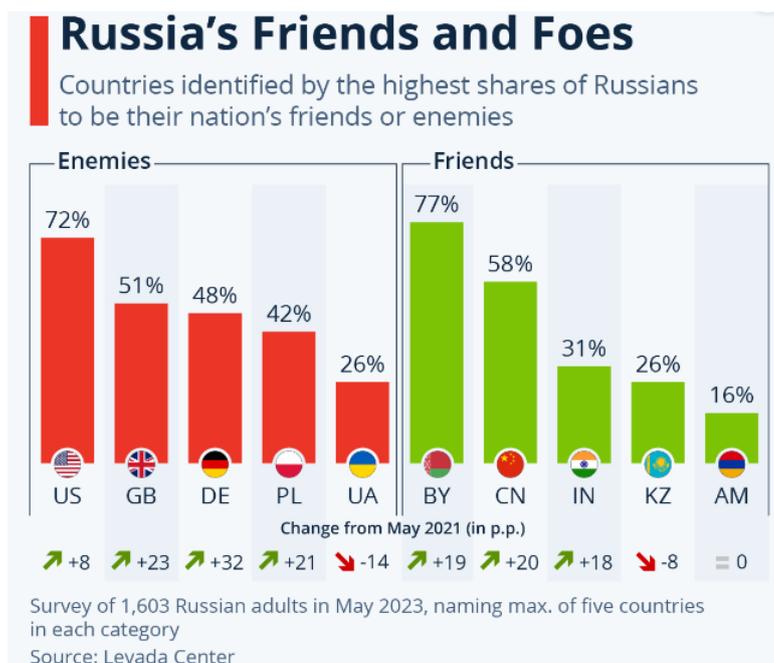
Smith, 2016), dilemas de segurança surgem quando os preparativos militares de um Estado geram uma incerteza insolúvel na mente de outro Estado sobre se esses preparativos são exclusivamente "defensivos" (se defender em um sistema anárquico) ou se possuem motivações ofensivas (alterar o *status quo*).

Na realidade ucraniana, com o avanço das tropas russas em suas fronteiras, o Estado entra em alerta devido à incerteza sobre as intenções de seu adversário. Em 24 de fevereiro de 2014, 16.000 tropas russas foram enviadas para a Crimeia em navios. Essas tropas bloquearam e controlaram todas as comunicações na região e travam uma guerra psicológica contra a população civil sob o pretexto de “manutenção da paz”. No entanto, Putin afirmou que as unidades armadas presentes são “forças locais de autodefesa” (Flikke, 2015).

Essa insegurança entre os atores serviu como um catalisador para o conflito (Lebelem; Villa, 2022), uma vez que ambas as partes antecipam o pior das intenções do outro e se preparam para um confronto armado. Entretanto, paradoxalmente, essa antecipação das ações acaba fomentando a escalada do conflito, com cada lado responsabilizando o outro pelos efeitos de seu próprio comportamento (Glasl, 1982).

No estágio quatro da escalada de conflitos, denominado *Imagens e Coalizões*, ocorre a formação de blocos contra o oponente, ao mesmo tempo em que cria uma criação de uma faceta maligna do adversário (Glasl, 1982). Como Meirsherman (2022) argumenta, embora seja inegável que a guerra na Ucrânia foi desencadeada e conduzida pela invasão russa, ele sustenta que as políticas dos EUA e da OTAN também desempenharam um papel ao impulsionar essa ação. Ele observa que o desejo da Ucrânia de se tornar membro oficial da OTAN, visando se tornar um baluarte ocidental na fronteira da Rússia, contribuiu para essa sequência de eventos. De acordo com a figura abaixo, é possível visualizar a formação de blocos no curso da guerra: de um lado, os países que apoiam a Rússia, e, de outro, o bloco inimigo, composto por aliados da Ucrânia, como EUA e Grã-Bretanha, além de outros membros da OTAN.

**Figura 7 – Amigos e Inimigos da Rússia**



**Fonte:** Buchholz (2023)

Portanto, antes da invasão russa à Ucrânia, já havia uma percepção de formação de um bloco ocidental contra a Rússia e, durante o curso do conflito, essa percepção se intensificou. Em contraponto à aliança ocidental, a China emerge como uma forte aliada da Rússia. Como aponta o Ministério de Defesa da Estônia (2023) a Rússia ainda tem amigos e apoiadores silenciosos em todo o mundo. A China descreve o conflito entre Moscou e Kiev como uma "crise", na qual a agressão russa é justificada como uma defesa de seus interesses legítimos de segurança. Segundo essa perspectiva, esses interesses estariam ameaçados pelos Estados Unidos e pela expansão oriental da OTAN (Gaspar, 2023).

As partes acreditam que determinados Estados, alianças e coalizões militares e políticas buscam obter, direta ou indiretamente, vantagens militares unilaterais em detrimento da segurança de outros, inclusive empregando práticas de concorrência desleal, intensificando a rivalidade geopolítica, alimentando o antagonismo e o confronto, e comprometer seriamente a ordem de segurança internacional e a estabilidade estratégica global. As partes opõem-se a um maior alargamento da OTAN e apelam à Aliança do Atlântico Norte para que abandone as suas abordagens ideologizadas da Guerra Fria, respeite a soberania, a segurança e os interesses de outros países, a diversidade das suas origens civilizacionais, culturais e históricas e exerça uma atitude objetiva em relação ao desenvolvimento pacífico de outros Estados (Kremlin, 2022).

A relação entre Rússia e China estabelece uma aliança contra forças externas que minam a segurança e a estabilidade em suas regiões adjacentes comuns, referindo-se às pressões dos

Estados Unidos e da União Europeia sobre o Leste Europeu e a região Báltica, além de parte do Oriente Médio, no caso russo, e ao Leste Asiático e parte do Sul da Ásia, especialmente Taiwan, no caso chinês (Lebelem; Villa, 2022). Segundo a declaração do Kremlin (2022 *apud* Lebelem; Villa, 2022), a Aliança Atlântica é identificada, numa perspectiva multidimensional, como um potencial instrumento ocidental de intervenção em assuntos de soberania, segurança e até culturais, no entorno estratégico da Rússia.

Com a construção de uma autoimagem e da faceta maligna do inimigo, acompanhada pela personificação do bem e do mal dos atores envolvidos, o quinto estágio, *perda de prestígio*, é estabelecido. A Rússia, ao invadir e formalizar o território da Crimeia em 2014 pertencente à Rússia, não apenas violou normas internacionais, mas desafiou diretamente a integridade territorial e a soberania do país, resultando em danos significativos à sua reputação internacional. Além de colocar em risco a soberania da Ucrânia, a violência contra civis e o deslocamento forçado de cidadãos ucranianos são temas de debate no sistema internacional, já que essas ações são consideradas crimes de guerra cometidos por Putin (França, 2022).

Criada com fins nobres, a Carta da ONU não conseguiu evitar violações à soberania ucraniana, ameaças a sua integridade territorial e interferências em assuntos internos do país. O mais alarmante é que essas ações foram cometidas por um membro permanente do Conselho de Segurança da ONU – a Rússia –, por meio de coerção política e econômica (Tronenko, 2016, p.104 ).

Em resposta a essas ações, o Ocidente impôs uma série de sanções econômicas à Rússia, além de decisões políticas, como a expulsão da Rússia do grupo pelos líderes do G8, tornando-os o G7 (Aparecido; Aguillar, 2022). Por outra perspectiva, as sanções econômicas contra a Rússia têm o potencial de fortalecer o discurso oficial de que o país está cercado de inimigos almejando desestabilizá-la (Ferraro, 2022).

No sexto estágio, *Ameaças*, é empregada a dissuasão como uma estratégia para impedir que a outra parte recorra à violência (Glasl, 1989). Com a desconfiança entre os atores presente a partir do terceiro estágio, a dissuasão para conter o avanço da violência é utilizado, visto que a dissuasão repousa na desconfiança (Medeiros Filho, 2010). No conflito russo-ucraniano, a dissuasão tem desempenhado um papel crucial, especialmente por meio do uso de ameaças estratégicas. Essa estratégia envolve a utilização de ameaças militares, econômicas e diplomáticas para influenciar o comportamento adversário e evitar ações indesejadas. Segundo Morgan (2003 *apud* Mariano, 2023), o escopo da dissuasão envolve evitar considerações sérias de um ataque, confrontações severas, ataques propriamente ditos e uma escalada significativa de conflitos, como seria o caso se a Rússia usasse armas nucleares na Ucrânia.

No caso da Rússia e da Ucrânia, a dissuasão estava diretamente ligada às disputas territoriais, à influência geopolítica e aos interesses estratégicos na região. A dissuasão, neste contexto, visou desencorajar a Rússia de tomar ações agressivas ou interferir nos assuntos internos da Ucrânia. Isso é evidente no contexto da integridade territorial da Ucrânia, especialmente após a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 e o conflito no leste ucraniano entre forças governamentais e separatistas pró-russos (Aparecido; Aguillar, 2022). Em resposta a esses eventos, o Ocidente adotou medidas como o fortalecimento do apoio político e militar à Ucrânia, com nações ocidentais oferecendo assistência técnica, treinamento e armamento às forças ucranianas. Além disso, a presença de tropas da OTAN em países do leste europeu serve como um indicativo do compromisso com a segurança regional (Lebelem; Villa, 2022).

O estágio 7, *Golpes destrutivos limitados*, refere-se a um nível extremo de conflito caracterizado pela destruição mútua. Neste estágio, as partes envolvidas no conflito não apenas buscam prejudicar umas às outras, mas também estão dispostas a sacrificar seus próprios recursos e interesses para causar danos significativos ao adversário (Glasl, 1982). No contexto do conflito entre Rússia e Ucrânia, o estágio seria representado por uma situação em que ambas as partes estão dispostas a infligir, independentemente das consequências para si mesmas ou para a região em geral.

Neste estágio, o conflito entre Rússia e Ucrânia atingiria uma intensidade sem precedentes, com uma escalada de violência que pode abranger ações de uma ameaça híbrida, envolvendo operações militares diretas, ataques cibernéticos, e sanções e isolamento internacional. É crucial ressaltar a distinção entre ameaça híbrida e guerra híbrida. Enquanto a guerra híbrida implica na combinação de meios convencionais (força militar) e não convencionais (informação, tecnologia, diplomacia) em conflitos armados (Fernandes, 2016), a ameaça híbrida refere-se à utilização de uma variedade de métodos de ataque por atores estatais ou não estatais para alcançar objetivos, envolvendo violência, coerção indiscriminada e atividades criminosas (Da Silva Rodrigues, 2020).

Dessa forma, após a invasão à Crimeia, em 2018 a Ucrânia investiu no reforço das suas capacidades militares defensivas e lançou uma operação Forças Conjuntas que integrou todas as forças de segurança e defesa ucranianas, como parte de uma nova abordagem para retomar o controle das áreas ocupadas no leste da Ucrânia (Crimeia e Donbas) e garantir a segurança e integridade territorial do país (Dias, 2023). Ademais, a Ucrânia foi alvo de ataques cibernéticos direcionados à sua infraestrutura crítica, incluindo sistemas de energia, transporte e comunicação, além de relatos de hackeamento de instituições governamentais ucranianas, com

o vazamento de informações sensíveis e tentativas de interrupção das operações do governo (De Souza, 2019).

O estágio Oito, *fragmentação* do inimigo é marcado pela destruição total do oponente, mesmo que isso signifique grandes perdas próprias. A racionalidade é abandonada e as ações se tornam extremas (Glasl, 1982). Em 2021, a Rússia disparou tiros de advertência contra um navio britânico no Mar Negro, próximo à península da Crimeia, poucos dias antes dos exercícios navais da OTAN na mesma área (Aparecido; Aguillar, 2022). Esse incidente ocorreu em meio a uma crescente tensão entre os países envolvidos. Isso envolveu o recrutamento de novas tropas, o desdobramento de equipamentos militares avançados e um aumento nas operações de inteligência. Segundo Kotoulas (2022) a escalada que culminou na invasão de 2022 teve início no final de 2021, quando as forças militares russas começaram a implantar um contingente militar massivo ao longo da fronteira com a Ucrânia. Em novembro do mesmo ano, o presidente russo Vladimir Putin concentrou mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, provocando alarme em Kiev, Washington e na Europa, com especulações de uma possível invasão em larga escala iminente. A Rússia solicitou aos Estados Unidos e à OTAN que interrompesse qualquer atividade militar na Europa Oriental e na Ásia Central, áreas geográficas percebidas como zonas de interesse russo, e se comprometesse a não expandir o território da OTAN para leste no futuro. No entanto, os Estados Unidos e outros aliados da OTAN rejeitaram as demandas russas e diante da negativa de Moscou sobre uma possível invasão ao território ucraniano, os Estados Unidos ameaçaram impor sérias sanções econômicas caso tal ação ocorresse (Aparecido; Aguillar, 2022).

O padrão que emerge é o de uma Rússia mais desesperada, com menos a perder e disposta a escalar a confrontação com a Ucrânia e o "ocidente coletivo" ao longo do espectro da guerra. Isso significa que, no futuro, a OTAN estará lidando com um adversário mais reativo, imprevisível e, em última análise, perigoso (Ozawa, 2023, p.5, tradução nossa).

Compreende-se que diante desse conflito, tanto a Ucrânia quanto a Rússia estavam se mobilizando e se preparando para uma escalada ainda maior do conflito, uma vez que ambas as partes não cediam, sendo a Rússia a que tinha menos a perder. Essa situação pode ser comparada à analogia do jogo do *chicken*, no qual os participantes resistem à pressão para desviar de uma rota de colisão iminente, e no final, ambos se encontrariam à beira do abismo, enfrentando as consequências de uma colisão desastrosa.

O nono e último estágio, *Juntos para o Abismo*, tem como objetivo é aniquilar a outra parte, independentemente das consequências, levando o conflito a proporções destrutivas e resultando em danos irreparáveis (Glasl, 1982).

Após a invasão russa ao território ucraniano em 2022, é evidente a destruição generalizada da infraestrutura ucraniana, um aumento significativo no número de vítimas civis, deslocamentos em massa da população e uma deterioração ainda maior das condições humanitárias. As operações militares tornaram-se cada vez mais brutais e indiscriminadas, com um aumento no uso de armamento pesado, incluindo ataques com mísseis nucleares, e a adoção de táticas de cerco para subjugar áreas estratégicas.

De acordo com Ferraro (2020) entende-se que a intervenção de 2022 é denominada como uma "invasão de larga-escala", por abranger regiões além do Donbass, logo, o início da guerra ao território ucraniano se categorizou por ataques em diferentes fronts e uma tentativa do exército russo de tomar a capital Kiev.

Conforme mencionado, a expansão da União Europeia para o Leste Europeu e a crescente aproximação do Ocidente com a Ucrânia foram alguns dos motivos que levaram Putin a iniciar a guerra. No entanto, também é importante destacar o interesse da Rússia nos recursos naturais, como petróleo e gás, presentes na Ucrânia, que abastecem uma grande parte dos consumidores na União Europeia (Johannesson; Clowes, 2022 *apud* Ratten, 2023). Assim, estrategicamente, o controle dessa região é crucial para a Rússia.

Em novembro de 2023, em meio a tensões entre a Rússia e o Ocidente, Putin concentrou mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, gerando alarme em Kiev. A Rússia foi advertida sobre possíveis retaliações caso tentasse uma invasão. No entanto, Moscou negou tais alegações, afirmando que estava conduzindo exercícios em resposta a “atividades militares ameaçadoras” da OTAN próximas às suas fronteiras, e acusando o Ocidente de ampliar sua influência na região (Aparecido; Aguillar, 2022).

A guerra russa-ucraniana trouxe consequências e impactos significativos para as regiões vizinhas. Os países fronteiriços e outros membros da OTAN, próximos à Rússia, intensificaram suas medidas de defesa e segurança, preocupados com a possibilidade de uma expansão do conflito. A situação também provocou uma reavaliação das políticas de defesa na Europa, levando a um aumento dos gastos militares e a uma maior cooperação entre os membros da aliança, além do apoio econômico e militar à Kiev, no qual confiam sua capacidade de resistência (Carmona, 2022).

A formalização pretendida pela Suécia e também pela Finlândia de membro com status de aliado da OTAN e, o mais importante, a inclusão de ambos os países no mecanismo de defesa coletiva (art. 5o do Tratado da Aliança Atlântica do Norte) apontam para um cenário prospectivo em que ambos os países têm o entendimento de que fazem parte de um típico cenário de o “pior dos casos”, como parte do alongamento territorial russo para territórios vizinhos (Lebelem; Villa, 2022).

O alargamento da OTAN com a adesão de países que fazem fronteira com a Rússia, como a Finlândia, em 2023, e a Suécia, em 2024, além de serem interpretadas como medidas de defesa e solidariedade por parte desses países diante das tensões com a Rússia e como uma demonstração de apoio aos esforços de segurança coletiva liderados pela OTAN, são coalizões criadas contra um inimigo em comum. Em contrapartida, a Rússia vê a adesão da Suécia e Finlândia à OTAN como uma ameaça direta ao seu território e tentam justificar tanto as suas ameaças como a invasão da Ucrânia, aludindo que estão a tentar proteger o seu território que está em perigo devido à abordagem da OTAN às suas fronteiras (López León, 2023).

A guerra entre Moscou e Kiev, pode ser entendida como uma disputa pela hegemonia regional. Portanto, a Rússia, sob a liderança de Vladimir Putin, busca restabelecer sua esfera de influência sobre as antigas repúblicas soviéticas e contrabalançar o avanço da OTAN e da União Europeia para o leste. A Ucrânia, com sua posição estratégica e seus ricos recursos naturais, incluindo petróleo e gás, representa uma peça-chave nesse tabuleiro geopolítico. Dessa forma, a guerra é considerada como uma medida extrema por parte do Kremlin na sua busca por hegemonia regional e relevância global (Dias, 2023)

Em suma, aplicando essa teoria ao contexto da Guerra Russo-Ucraniana, podemos observar os seguintes estágios, do menos intenso para o mais intenso de acordo com o quadro:

**Quadro 1** --Síntese da aplicação do Modelo de Escalada de Conflito no conflito russo-ucraniano

ESTÁGIOS DA ESCALADA DE CONFLITOS	MOMENTOS DO CONFLITO
1º - Tensão	Questões políticas, étnicas e históricas, culminando em 2004, com a Revolução Laranja e a aproximação da OTAN na Ucrânia;
2º- Debate e Polêmica	Não se encaixa ao contexto do conflito
3º- Ação ao invés de Palavras	Anexação da Crimeia em 2014; Políticas de expansão da OTAN e da União Europeia em direção aos Estados pós-soviéticos; Dilema de segurança
4º- Imagens e Coalizões	Formação de blocos (Ucrânia + OTAN + EUA) X (Rússia + China)
5º- Perda de prestígio	Após a anexação da Crimeia, a Rússia foi altamente criticada pelo sistema internacional e alvo de uma série de sanções econômicas pelo Ocidente.
6º- Ameaças	Utilização de ameaças militares, econômicas e diplomáticas. Uso da dissuasão diretamente ligada às disputas territoriais, à influência geopolítica e aos interesses estratégicos.
7º- Golpes destrutivos limitados	Ameaça híbrida, envolvendo operações militares diretas, ataques cibernéticos, e sanções e isolamento internacional.
8º-Fragmentação	Disparos russos de tiros de advertência contra um navio britânico no Mar Negro;Forças militares russas na fronteira com a Ucrânia;
9º-Juntos para o Abismo	Invasão russa ao território ucraniano em 2022; Aumento dos gastos militares e a uma maior cooperação entre os membros da OTAN; Adesão na OTAN da Finlândia, em 2023, e a Suécia, em 2024; Disputa pela hegemonia regional

**Fonte:** Elaboração própria

A relação entre a Rússia e a Ucrânia é marcada por diferenças políticas e culturais, alimentando disputas sobre a orientação política da Ucrânia (pró-Ocidente ou pró-Rússia) e a influência russa na região. A partir de 2014, com a anexação da Crimeia pela Rússia e o apoio aos separatistas no leste da Ucrânia, o conflito se intensificou por meio de sanções econômicas e militarização da fronteira. Diante desse cenário, a formação de coalizões se tornou evidente, com a Ucrânia buscando apoio internacional, especialmente da OTAN e da União Europeia, enquanto a Rússia consolidava suas alianças. Devido a isso, a guerra no Donbass intensificou-

se, com ambos os lados mobilizando recursos e propaganda. A retórica agressiva e os incidentes militares contribuíram para uma perda de face pública, enquanto ameaças e demonstrações de força, como exercícios militares, reforço de tropas e escaladas verbais, se tornaram frequentes.

A partir de 2022, a invasão russa da Ucrânia marcou a transição para ataques diretos e conflitos armados em grande escala. A guerra convencional, com bombardeios, ataques a infraestruturas críticas e ocupação de territórios, resultou em milhares de vítimas civis e militares. A aplicação da teoria da escalada de conflitos de Glasl à Guerra Russo-Ucraniana ilustra como um conflito pode evoluir de desentendimentos iniciais para uma guerra total. Dessa forma, compreender esses estágios pode ajudar a identificar oportunidades para intervenções e resoluções antes que o conflito se torne irreversível.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise do conflito Russo-Ucraniano através do modelo de escalada de conflitos de Friedrich Glasl (1982) oferece uma compreensão das dinâmicas e progressões que levaram à invasão russa à Ucrânia em 2022. Este estudo revelou que o conflito surgiu de uma série de tensões intensificadas por fatores históricos, políticos e culturais entre Moscou e Kiev.

Aplicando o modelo de Glasl (1982), observamos que a Guerra Russo-Ucraniana passou por quase todos os estágios descritos pelo autor, exceto o segundo estágio, desde o momento de endurecimento com interesses antagônicos até a destruição mútua. Os estágios iniciais de tensão e desconfiança evoluíram para ameaças e confrontos econômicos e diplomáticos e, eventualmente, para uma guerra de larga escala. Cada fase do modelo de Glasl foi identificada no desenvolvimento do conflito, ilustrando a aplicabilidade deste modelo teórico.

A anexação da Crimeia em 2014 marcou um ponto crucial de escalada, destacando a incapacidade das partes envolvidas de resolver suas diferenças pacificamente. As subsequentes ações militares no leste da Ucrânia e a falta de progressos significativos em negociações internacionais contribuíram para a escalada contínua do conflito. A invasão em 2022, representou o auge desta escalada, onde as tentativas de resolução de conflitos foram totalmente substituídas por ações militares diretas. Ao longo de 2021 e no início de 2022, a Rússia enviou mais de 100 mil soldados para a fronteira com a Ucrânia, bem como equipamento militar, como mísseis de combate (CNN Espanhol, 2022). De acordo com a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2024), desde o início da guerra, 10 milhões de pessoas fugiram do conflito em busca de segurança em países vizinhos do outro lado da fronteira, e mais de 50 mil soldados russos e 31 mil ucranianos morreram durante a guerra (BBC, 2024).

O modelo de Glasl mapeou a progressão do conflito e destacou momentos críticos da escalada de conflitos, por essa razão, foi introduzido o campo de resolução de conflitos, visando compreender a relevância dos estudos de pesquisadores dedicados à resolução e transformação de conflitos. No entanto, mesmo diante da tensão entre os autores, percebe-se que as teorias convencionais das Relações Internacionais não conseguiram prever a invasão da Rússia ao território ucraniano. Portanto, torna-se necessário prevenir conflitos por meio de modelos teóricos como de Glasl, Galtung e entre outros estudiosos de Resoluções de Conflitos e intervir desde o primeiro momento com a transformação das raízes do conflito, como aponta Lederach (2015), o que não ocorreu no caso da Rússia.

Além disso, este estudo enfatizou a complexidade das questões geopolíticas e estratégicas que permeiam o conflito, destacando a importância da Península da Crimeia para Rússia e OTAN. As sanções econômicas, o apoio militar estrangeiro e as alianças regionais tiveram impactos profundos na dinâmica do conflito, tanto exacerbando as tensões quanto moldando as respostas das partes envolvidas.

Em termos de resolução de conflitos, a aplicação prática do modelo de Glasl (1982) sublinha a necessidade de um compromisso com a resolução do conflito desde os primeiros estágios e a negociação em todos os níveis de uma guerra, principalmente nos estágios iniciais. Além disso, a prevenção da escalada exige não apenas a intervenção internacional, mas também um esforço para abordar as causas subjacentes do conflito, como históricas e culturais.

Em suma, a aplicação do modelo de escalada de conflitos de Glasl ao caso russo-ucraniano demonstrou sua utilidade como ferramenta analítica para entender a complexidade dos conflitos modernos. O estudo fornece esclarecimentos importantes para a prevenção e resolução de conflitos, destacando a necessidade de intervenções precoces e estratégias de desescalada. A guerra entre Rússia e Ucrânia serve como um lembrete da falha em resolver disputas de maneira pacífica e ressalta a importância do campo da Resolução de Conflitos na busca por um mundo mais estável e seguro.

## REFERÊNCIAS

- ACNUR. UNHCR, the UN Refugee Agency. Ukraine Refugee Situation. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- ALLWOOD, Jens.; AHLSEN, Elisabeth. On stages of conflict escalation. **Conflict and Multimodal Communication: Social Research and Machine Intelligence**, p. 53-69, 2015. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-14081-0\\_3](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-14081-0_3) Acesso em: 04 abril 2024.
- APARECIDO, Julia Mori.; AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Série Conflitos Internacionais**, v. 9, n. 1, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Julia-Aparecido/publication/359401135\\_A\\_GUERRA\\_ENTRE\\_A\\_RUSSIA\\_E\\_A\\_UCRANIA/links/623a0dcc3339b64f0daf73c1/A-GUERRA-ENTRE-A-RUSSIA-E-A-UCRANIA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Julia-Aparecido/publication/359401135_A_GUERRA_ENTRE_A_RUSSIA_E_A_UCRANIA/links/623a0dcc3339b64f0daf73c1/A-GUERRA-ENTRE-A-RUSSIA-E-A-UCRANIA.pdf). Acesso em: 18 abril 2024
- BAROMETER CONFLICT. Heidelberg: Heidelberg Institute for International Conflict Research. 2022. Disponível em: <https://hiik.de/conflict-barometer/current-version/?lang=en> Acesso em: 09 abril 2024
- BĒRZIŅŠ, Jānis. Russia's strategic maximalism and its limits. **War changes everything: Russia after Ukraine**. Published by: NATO Defense College, 2023. Disponível em: [resrep47336.8.pdf \(jstor.org\)](https://www.jstor.org/stable/473368). Acesso em: 09 abril 2024
- BC BRASIL. Guerra na Ucrânia: quantos russos já morreram no conflito. BBC Brasil, 21 abr. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56884842>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- BÖSCH, Richard. Conflict escalation. *In: Oxford research encyclopedia of international studies*. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190846626.013.82>. Acesso em: 14 Abril 2024.
- BUYSE, Antoine. Words of violence: “Fear speech,” or how violent conflict escalation relates to the freedom of expression. **Hum. Rts. Q.**, v. 36, p. 779, 2014. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/557745/pdf> . Acesso em: 24 Abril 2024.
- CAMPATO JR., João Adalberto. A Guerra Russo-Ucraniana e os discursos sobre o imperialismo da nova desordem mundial. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. 1, p. 82-102, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-22-1-3356>. Acesso em: 08 Mai 2024
- CARMONA, Ronaldo. A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs**, n. 3, p. 88-111, 2022. Disponível em: [https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/2732/1/REA%20CEBRI-Revista\\_3a%20Bedicao\\_Jul-Set-2022\\_Carmona%20%281%29.pdf](https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/2732/1/REA%20CEBRI-Revista_3a%20Bedicao_Jul-Set-2022_Carmona%20%281%29.pdf) . Acesso em: 08 Mai 2024.
- CNN ESPAÑOL. El conflicto de Ucrania y Rusia explicado en 4 mapas. CNN Español, 18 fev. 2022. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2022/02/23/ucrania-rusia-conflicto-explicado-con-mapas-orix/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DA SILVA RODRIGUES, Fernando. Guerra Híbrida: por uma discussão conceitual. **Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica**, v. 18, n. 4, p. 23-36, 2020. Disponível em [https://www.academia.edu/download/111328086/7012-Texto\\_do\\_artigo-13808-1-10-20210311.pdf](https://www.academia.edu/download/111328086/7012-Texto_do_artigo-13808-1-10-20210311.pdf) Acesso em: 21 Jun 2024.

DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES DE PAZ DAS NAÇÕES UNIDAS Departamento de Apoio às Missões, Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas: **Princípios e Diretrizes**, UN DPKO/DFS, Nova York, 2008. Disponível em: [capstone\\_eng.pdf \(un.org\)](#). Acesso em: 18 Abril 2024.

DE SOUZA, Deywisson Ronaldo Oliveira *et al.* Guerra híbrida e ciberconflitos: uma análise das ferramentas cibernéticas nos casos da síria e conflito Rússia-Ucrânia. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 5, n. 3, 2019. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/346>. Acesso em: 24 Mai 2024

DEUTSCH, Morton. The resolution of conflict: Constructive and destructive processes. **American Behavioral Scientist**, v. 17, n. 2, p. 248-248, 1973. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/000276427301700206>. Acesso em: 28 Abril 2024.

DIAS, Vanda Amaro. Um ano de guerra na Ucrânia. Como chegámos aqui? Para onde estamos a ir? **Universidade de Coimbra**. 2023. <https://doi.org/10.23906/ri2023.77a06>. Acesso em: 15 Mai 2024.

FARIAS, James Magno Araújo. Notas sobre a guerra da Ucrânia. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais-IURJ**, v. 3, n. 1, p. 132-142, 2022. Disponível em: <https://revista.institutouniversitario.com.br/index.php/cjsiurj/article/view/113>. Acesso em: 22 Mai 2024

FERNANDES, Hugo Miguel Moutinho. As novas guerras: O desafio da guerra híbrida. **Revista de Ciências Militares**, v. 4, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/36182>. Acesso em 22 Mai 2024.

FERNANDES, Sandra; CRUZ, Marco. O dilema de segurança na nova Estratégia Nacional de Segurança russa: entre militarismo e pivot geográfico. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.13.1.1>. Acesso em: 10 Mai 2024.

FERRARO, Vicente. A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Conjuntura Austral**, v. 13, n. 64, p. 25-50, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/hcpa/management/settings/website/index.php/ConjunturaAustral/article/view/128157>. Acesso em: 25 Mai 2024 .

FLIKKE, Geir. A Timeline for the Conflict and War in Ukraine. **Security Policy Library**, v. 4, 2015. Disponível em: <https://s3.eu-north-1.amazonaws.com/atlanterhavskomiteen/images/documents/NR-4-15-14.-august.pdf>. Acesso em: 30 Mai 2024.

FRANÇA, Lucylea Gonçalves. Transcendências e vulnerabilidades ao Direito Internacional desde a invasão da Rússia à Ucrânia (2022). **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais-IURJ**, v. 3, n. 1, p. 167-172, 2022. Disponível em: <https://revista.institutouniversitario.com.br/index.php/cjsiurj/article/view/117>. Acesso em: 10 Mai 2024

GALTUNG, Johan. **Conflict transformation by peaceful means: The Transcend method**. UN, 1999. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-32481-9\\_5](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-32481-9_5). Acesso em: 19 Mar 2024

GASPAR, Carlos. A China e a Guerra Russo-Ucraniana. **Nação e Defesa**, n. 165, p. 81-98, 2023. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/nacao/article/view/35476>. Acesso em: 25 Mai 2024.

GONÇALVES, Vinicius Milanez Lagreca. A relação Rússia-OTAN na formulação da política externa de Vladimir Putin. Graduação em Relações Internacionais. 2022. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16938>. Acesso em: 25 Maio 2024.

JORDAN, Thomas. Glasl's nine stage model of conflict escalation. **Available via Mediate**.2000. Disponível em: <http://ocu.course.documentation.s3.amazonaws.com/PS4110/WK2+Model+Of+Conflict+Escalation.pdf> . Acesso em: 01 Abril 2024

KEMPF, Wilhelm. **Conflict coverage and conflict escalation**. 2002. Disponível em: <https://kops.uni-konstanz.de/handle/123456789/11120>. Acesso em: 20 Mar 2024

KEOHANE, Robert O.; MARTIN, Lisa L. The promise of institutionalist theory. **International security**, v. 20, n. 1, p. 39-51, 1995. Disponível em: <https://direct.mit.edu/isec/article-pdf/20/1/39/691889/isec.20.1.39.pdf>. Acesso em: 15 Mar 2024.

KOTOULAS, Ioannis E.; PUSZTAI, Wolfgang. Geopolitics of the War in Ukraine. **Foreign Affairs Institute**, p. 41-54, 2022. Disponível em: [Ioannis-E-Kotoulas-Wolfgang-Pusztai-Geopolitics-of-the-War-in-Ukraine.pdf \(researchgate.net\)](https://www.researchgate.net/publication/361111111/Ioannis-E-Kotoulas-Wolfgang-Pusztai-Geopolitics-of-the-War-in-Ukraine.pdf). Acesso em: 20 Abr 2024

KULYK, Volodymyr. National identity in Ukraine: Impact of Euromaidan and the war. **Europe-Asia Studies**, v. 68, n. 4, p. 588-608, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09668136.2016.1174980>. Acesso em: 14 Mar 2024

KREMLIN. Joint Statement of the Russian Federation and the People's Republic of China on the International Relations Entering a New Era and the Global Sustainable Development. Kremlin.ru, 4 de fevereiro de 2022. Disponível em: [Joint Statement of the Russian Federation and the People's Republic of China on the International Relations Entering a New Era and the Global Sustainable Development • President of Russia \(kremlin.ru\)](https://www.kremlin.ru/foreign/diplomacy/2022/02/04/statement-russia-china) Acesso em: 29 Mai 2024

KRIESBERG, Louis; NORTHRUP, Terrell A.; THORSON, Stuart J. (Ed.). **Intractable conflicts and their transformation**. Syracuse University Press, 1989. Disponível em: [Intractable Conflicts and Their Transformation - Google Livros](https://books.google.com/books?id=...). Acesso em: 31 Mar 2024

LEBELEM, Cristiane.; VILLA, Rafael Duarte. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs**, n. 3, p. 112-136, 2022. Disponível em: <https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/56> Acesso em: 13 Abr 2024.

LEDERACH, John. **Little book of conflict transformation**: Clear articulation of the guiding principles by a pioneer in the field. Simon and Schuster, 2015. Disponível em: [Little Book of Conflict Transformation: Clear Articulation Of The Guiding ... - John Lederach - Google Livros](#). Acesso em: 17 Mar 2024

LÓPEZ LEÓN, Irene. Entrada de Finlandia y Suecia en la OTAN: retos para la Alianza y sus consecuencias. Graduação em Relações Internacionais, Madrid, 2023 Disponível em: <https://repositorio.comillas.edu/xmlui/handle/11531/69138>. Acesso em: 26 Mai 2024

LOUREIRO, Felipe Pereira. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI-Revista**, n. 1, 2022. Disponível em: [3075967+Felipe-CEBRI-Revista+A+Guerra+na+Ucrânia+significados+e+perspectivas.pdf \(usp.br\)](#). Acesso em: 15 Mai 2024.

MARIANO, Maria Mont Serrat Bomfim. Uma análise da ameaça de emprego de armas nucleares táticas na invasão da Ucrânia pela Rússia: dissuasão estratégica e tabu nuclear. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27172>. Acesso em: 07 Jun 2024.

MEARSHHEIMER, John J. On Why the West Is Principally Responsible for the Ukrainian Crisis. **The Economist**, 19 de março de 2022. Disponível em: <https://www.economist.com/by-invitation/2022/03/11/john-mearsheimer-on-why-the-west-is-principally-responsible-for-the-ukrainian-crisis>. Acesso em: 17 de Abril 2024.

MEARSHEIMER, John J. The causes and consequences of the Ukraine crisis. **The National Interest**, v. 23, p. 2022, 2022. Disponível em: <https://leiterreports.typepad.com/files/causes-and-consequences-of-the-ukraine-crisis.national-interest.pdf> Acesso em: 17 de Abril 2024.

MEDEIROS FILHO, Oscar. Entre a cooperação e a dissuasão: políticas de defesa e percepções militares na América do Sul. Tese de Doutorado. **Universidade de São Paulo**. 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-16112010-105249/en.php>. Acesso em: 05 Jun 2024.

MINISTRY OF DEFENCE REPUBLIC OF ESTONIA. **Russia's War in Ukraine: Myths and Lessons**. Discussion paper, 2023. Disponível em: [https://kaitseministeerium.ee/sites/default/files/myths\\_and\\_lessons\\_0.pdf](https://kaitseministeerium.ee/sites/default/files/myths_and_lessons_0.pdf). Acesso em: 23 Mai 2024.

MORGAN, Patrick M. **Deterrence now**. Cambridge University Press, 2003. Disponível em: [Deterrence Now - Patrick M. Morgan - Google Livros](#) Acesso em: 06 Abr 2024

MORGENTHAU, Hans J. **Politics among nations**: the struggle for power and peace. 5. ed. New York: Alfred A. Knopf, 1973. Disponível em: [mangaldaicollege.digitallibrary.co.in/bitstream/123456789/728/1/Politics\\_Among\\_Nations.pdf](mangaldaicollege.digitallibrary.co.in/bitstream/123456789/728/1/Politics_Among_Nations.pdf) Acesso em: 11 Mar 2024.

NUNES, Thainá Penha Baima Viana.; SILVA, Mayane Bento. A Retomada da Geopolítica Russa: a Influência do Eurasianismo na Anexação da Crimeia à Rússia. **Revista Intelector**, 2018. Disponível em:

[A Retomada da Geopolítica Russa a Influência do Eurasianismo na Anexação da Crimeia a Rússia - Nunes Bento20190419-41798-1m46a79-libre.pdf](#)

([d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net](#)) NYE, Joseph. **Compreender os conflitos internacionais**. Lisboa: Gradiva, p. 71-92, 2002. Disponível em: [.COMPREENDE OS CONFLITOS INTERNACIONAIS cpas. 1 2 3 e 7 - Resumo revisado-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#). Acesso em: 15 Mar 2024.

OLIVEIRA, Raquel Alexandra Duarte. **Resolução de conflitos**: perspectivas dos alunos do 4º ano do Concelho de Arruda dos Vinhos. Tese de Doutoramento. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/667>. Acesso em: 31 Mar 2024 Acesso em: 22 Abr 2024.

OLIVEIRA, Uriel Rodrigo Repas de. A disputa entre a Rússia e a Ucrânia pela Região da Crimeia. Tese de Doutoramento, Lisboa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/15125>. Acesso em: 28 Mar 2024.

OYE, Kenneth A. Explaining cooperation under anarchy: Hypotheses and strategies. **World politics**, v. 38, n. 1, p. 1-24, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2010349>. Acesso em: 28 Mar 2024

OZAWA, Marc (Ed.). Total, global, hybrid war. **War changes everything: Russia after Ukraine**. NDC Research Paper No.28, February 2023. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/resrep47336.7.pdf>. Acesso em: 18 abril 2024

RAICH, Jordi. La Teoría de la Paz democrática. **Papeles de cuestiones internacionales**, n. 76, p. 77-86, 2002 Disponível em: <https://www.fuhem.es/wp-content/uploads/2018/12/la-teoria-de-la-paz-democratica-J.RAICH.pdf>. Acesso em: 15 de Abr 2024.

RAMSBOTHAM, Oliver.; MIALL, Hugh.; WOODHOUSE, Tom. **Contemporary conflict resolution: The prevention, management and transformation of deadly conflicts**. Polity, 2005. Disponível em: [Contemporary Conflict Resolution - Oliver Ramsbotham, Hugh Miall, Tom Woodhouse - Google Livros](#). Acesso em: 20 Mar 2024.

RATTEN, Vanessa. The Ukraine/Russia conflict: Geopolitical and international business strategies. **Thunderbird International Business Review**, v. 65, n. 2, p. 265-271, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/tie.22319>. Acesso em: 31 Mai 2024.

SLOBODA, Pedro Muniz. Anexação da Crimeia pela Rússia: uma análise jurídica. **Revista Eletrônica de Direito Internacional**, v. 13, p. 1-22, 2014.

SMITH, Steve; HADFIELD, Amelia; DUNNE, Timothy (Ed.). Foreign policy: theories, actors, cases. **Oxford University Press**, 2016. Disponível em: [Foreign Policy: Theories, Actors, Cases - Google Livros](#). Acesso em: 23 Mai 2024.

TRONENKO, Rostyslav. Ucrânia: luta pelo direito de escolher seu destino, pela sua soberania e integridade territorial. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.gti.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/4116>. Acesso em: 16 Mai 2024.

VÄYRYNEN, Raimo. **From conflict resolution to conflict transformation: a critical review. The new agenda for peace research**, p. 135-160, 2019. Disponível em: [From Conflict Resolution to Conflict Transformation: A Critical Review \(taylorfrancis.com\)](#). Acesso em: 13 Abr 2024.

WÆVER, Ole.; BRAMSEN, Isabel. Introduction: Revitalizing conflict studies. *In: Resolving International Conflict: Dynamics of Escalation, Continuation and Transformation*. Routledge, 2019. p. 1-37. Disponível em: [Introduction | 1 | Revitalizing conflict studies | Ole Wæver, Isabel B \(taylorfrancis.com\)](#). Acesso em: 02 Abr 2024.

WALLENSTEEN, Peter. **Understanding conflict resolution**. SAGE Publications, 2023. Disponível em: [Understanding Conflict Resolution - SAGE Publications Ltd - Torrossa](#). Acesso em: 26 Abr 2024.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das relações internacionais**. Trad: Maria Luísa Felgueiras Gayo. Lisboa : Gradiva, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822.1/43>. Acesso em: 16 Mar 2024.

WINSTOK, Zeev. Conflict escalation to violence and escalation of violent conflicts. **Children and Youth Services Review**, v. 30, n. 3, p. 297-310, 2008. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2007.10.007>. Acesso em: 19 Abr 2024.